



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

FRANCISCA MARIA RAMOS SILVA

DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

SÃO BERNARDO – MA

2022

FRANCISCA MARIA RAMOS SILVA

DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/campus São Bernardo, como requisito final para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Amanda Gomes Pereira

SÃO BERNARDO-MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ramos Silva, Francisca Maria.

DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA /
Francisca Maria Ramos Silva. - 2022.
75 p.

Orientador(a): Amanda Gomes Pereira Gomes Pereira. Monografia
(Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA- SãoBernardo-
MA, 2022.

1. Desigualdade social. 2. Educação Básica. 3. Ensino
Remoto. 4. Pandemia. I. Gomes Pereira, Amanda Gomes
Pereira. II. Título.

FRANCISCA MARIA RAMOS SILVA

DESIGUALDADE SOCIAL E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Monografia apresentada ao curso de licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/campus São Bernardo, como requisito final para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Amanda Gomes Pereira

APROVADA EM: 26/07/2022

BRANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Amanda Gomes Pereira (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Tatiana Colasante

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira

Universidade Federal do Maranhão

Dedico essa monografia a meu querido pai, cujo destino não o deixou que estivesse aqui presente, mas com certeza o céu está em festa pela minha conquista de ter chegado até aqui e ser sua primeira filha a entrar numa Universidade, obrigada por tudo! A minha querida mãe, mulher mais importante da minha vida, que só tenho a agradecer pelo incentivo de acreditar que a educação tem o poder de transformar os indivíduos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus que me deu forças para chegar até aqui, pois sem ele não conseguiria. Também gostaria de agradecer a minha querida mãe que sempre teve palavras de incentivo e acredita muito que a educação pode transformar a vida de alguém, e agradecer a minha filha que é meu maior incentivo de ser exemplo de dedicação aos estudos, tentando mostrar-lhe que a educação ainda é o melhor caminho para se alcançar o sucesso pessoal e profissional. Agradecer aos familiares que torcem por mim, em especial minha irmã, Rosineide que sempre está elevando minha autoestima quando me sinto fracassada mostrando com suas palavras o quanto eu já alcancei só de estar cursando uma graduação, apesar das inúmeras dificuldades encontradas. Agradeço ao apoio familiar daqueles que tiraram um tempinho para cuidar da minha filha quando precisei me ausentar devido alguns trabalhos do curso e a minha sobrinha Vanessa, que muito me ajudou nas questões tecnológicas que o curso exige.

Agradeço aos meus colegas que muito me incentivaram e ajudaram-me a seguir até aqui, em especial Michele Bruno, Francisca Pimentel, Marielle, Sheylane, Lucas, Ariadna, Laiane, Letícia, Janayna, Arnaldo e Brenda. Gostaria de agradecer também a minha orientadora prof. ^a Dra. Amanda Gomes Pereira, que me ajudou na construção desse trabalho, muito obrigado por tudo, pela parceria e paciência no caminho percorrido, pelas palavras de incentivo que a mesma sempre teve e a criticidade ao meu trabalho, estou imensamente agradecida. Também gostaria de agradecer a todos os meus professores dessa graduação, especialmente a prof. ^a Dra. Ana Caroline Amorim pelas palavras empáticas de carinho que sempre me incentivaram a seguir e mostrar que apesar das minhas dificuldades e incertezas eu conseguiria. Agradecer ao prof. Dr. Tedson Braga, que com suas palavras fez eu acreditar em mim quando eu não acreditava, meu muito obrigado. Agradecer a prof. ^a Dra. Alina Miranda que me incentivou e mostrou que estava no caminho certo quando apresentei partes da minha monografia na disciplina TCC 2 ministrada por ela.

Agradeço aos demais professores do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Tiago Pereira, Laura Rosa, Ivonete Coimbra, Hugo Freitas, Clodomir Cordeiro, Leonor Viana, Washington, Josenildo Brussio, Karine, Mohana Ventura e Wandelson Miranda que contribuíram transmitindo seus conhecimentos e a criticidade acerca dos meus trabalhos. E por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram e estiveram comigo até aqui, obrigado a todos e todas.

“Pensar certo - e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo - é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as dinâmicas de reprodução da desigualdade social no interior do sistema educacional, evidenciando as relações de poder imbricadas nesse cenário, principalmente em momentos de dificuldades do período da pandemia o que levou o aumento das desigualdades sociais e conservação da classe dominante. A partir de uma pesquisa realizada em duas escolas públicas municipais de São Bernardo-MA, localizadas uma, na zona rural e outra na área urbana, que teve início em junho de 2021 até março de 2022. Diante disso, busca-se entender quais ações são desenvolvidas pela escola e que repercutem no combate a reprodução da desigualdade social, apontando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de classe baixa durante a pandemia tanto da zona rural quanto da zona urbana. A finalidade é descrever e entender os impactos da pandemia no acesso à educação por estudantes moradores da zona rural e alunos residentes da zona urbana. Desse modo, nos debruçaremos e buscaremos compreender como está todo esse processo, mostrando como os professores estão lidando com esse cenário de desigualdade social que se evidenciou ainda mais nesse período da pandemia e como os alunos reagiram a essa nova modalidade de ensino. Neste período da pesquisa pode se constatar as dificuldades dos professores em manusear os aparelhos tecnológicos e no processo de avaliação dos alunos. Já os alunos as dificuldades de acesso à internet de boa qualidade e o acesso a aparelhos tecnológicos.

Palavras-chave: Desigualdade social, Educação Básica, Ensino Remoto, Pandemia.

ABSTRACT

The present aims at the dynamics of reproduction of social inequality within the educational system, presenting as intertwined relationships in this scenario, especially in times of difficulties during the pandemic period, which led to the increase in inequalities and social preservation of the ruling class. Based on a survey carried out in two municipal public schools in São Bernardo-MA, one located in the rural área and the other in the urban area, which began in schools from 2021 to March 2022. Are studied by the school and that reproduce social inequality in combat as low-class students face in rural and urban areas. The purpose is to describe and understand the impacts of the pandemic on education for students living in rural areas and students living in urban areas. In this way, we are dealing with and understanding this whole process, as well as the teachers, who fall into social inequality, evidenced more in this period of the pandemic and how students reacted to this new modality of pandemic. In this period of the research one can verify the difficulties of the professors in handling the technological devices and in the process of evaluation of the students. As for the students, the difficulties of accessing good quality internet and access to technological devices.

Keyword: social inequality, education, pandemic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERCUSO METODOLÓGICO	14
3 EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL.....	19
3.1 O impacto da pandemia na reprodução das desigualdades	20
3.2 As Desigualdades Educacionais Enfrentadas nas Escolas Públicas.....	26
3.3 Desigualdades e Violência Simbólica nas Instituições Escolares Enfrentadas por Alunos	27
4 DESAFIOS ENCONTRADOS NO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19	32
4.1 O desafio no uso das Tics no Brasil no Período da Pandemia frente às Desigualdades Sociais na Educação	37
4.2 O Desafio Da Evolução Tecnológica Na Educação No Brasil.....	43
5 OS DESAFIOS ENCONTRADOS POR PROFESSORES E ALUNOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO	45
5.1 Desafios da Educação para os estudantes da região rural em meio a pandemia	53
5.2 Desafios na Educação na zona urbana em meio a pandemia	56
6 ANALISES E RESULTADOS	58
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade social é considerada um dos maiores problemas do mundo, afetando a maioria da população brasileira, e, se constituindo como um elemento presente, evidente e muitas vezes negligenciado nas escolas, percebe-se isso na maneira que os componentes curriculares são colocados aos alunos de maneira igualitária. Entretanto no cotidiano escolar, há uma diversidade de sujeitos oriundos de diferentes classes sociais, permanecendo em desvantagens com essa igualdade. Nesse cenário, tais desigualdades afetam principalmente os direitos mais básicos de um indivíduo, como o acesso à escola, saúde, trabalho, moradia, ou seja, direitos a uma qualidade de vida melhor, restringindo o acesso a oportunidades iguais.

Nesse sentido, a desigualdade social se legitima na escola, ambiente em que as pessoas menos favorecidas são mais desfavorecidas por não possuírem acesso a determinado capital cultural, reconhecidamente valorizados pela classe dominante, hegemônica e detentora das engrenagens que hierarquiza saberes. A desigualdade social é reflexo da distribuição desigual do capital econômico de uma determinada sociedade, mas também de outros capitais, tais como social, cultural e simbólico¹. Assim, cabe as instituições escolares analisarem criticamente em que medida atuam como reprodutoras das desigualdades sociais, ou como agentes transformadores desse contexto social, atrelado a um acesso desigual de oportunidades.

O interesse neste tema surgiu após a minha inserção no ambiente escolar, num curto período em que tive oportunidade de lecionar em duas escolas, sendo uma na sede do município de São Bernardo, no estado do Maranhão, e outra na zona rural desse mesmo município. Além da minha própria trajetória escolar em um reflexo desse contexto de desigualdade social.

No entanto vale ressaltar uma experiência similar a essa pesquisa, no qual fiz parte de um projeto o PIBID, programa de iniciação à docência, da Universidade Federal do Maranhão o qual participei como bolsista no período de 01 de novembro de 2020 até 30 de abril de 2022. Sendo este direcionado a uma escola estadual de São Bernardo-MA, no qual aplicamos questionários aos alunos e finalizamos com a produção de uma cartilha² que tem como título.

¹ O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário, que recebe do grupo o poder de fazer o grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 166).

² https://drive.google.com/file/d/1cOU4I3C5nCnVZeR-_pH4ZYoeKwQ5xR4_/view?usp=sharing

O racismo presente nas palavras e expressões no português Brasileiro. Neste período podemos observar como era a dinâmica dos alunos dessa escola, no qual parte deles eram de lugares da zona rural e como as desigualdades sociais afetavam no período da pandemia. Também podemos contar com a contribuição do supervisor Jaison Castro do projeto PIBID, no qual pode nos relatar as dificuldades enfrentadas durante a pandemia e principalmente a falta de infraestrutura da escola no retorno as aulas presenciais. Assim como nessa pesquisa que foi direcionado a escolas municipais, elas possuem elementos comuns. Neste momento, foi possível perceber que o acesso a determinados capitais, garantia o sucesso ou fracasso escolar, destacando que, o interesse não é apresentar essa relação de maneira determinista, mas que a desigualdade é fator determinante na vida dos estudantes.

Portanto, as escolas³ escolhidas para contribuir com a minha pesquisa são da cidade de São Bernardo-MA, localizadas no Baixo Parnaíba maranhense, que tem aproximadamente 28.825 pessoas, segundo dados de 2021. O município tem 84 anos de emancipação política e possui 43⁴ unidades escolares municipais no geral, estando divididas entre sede e zona rural, sendo 14 escolas localizada na sede e 29 escolas na zona rural localizadas em várias regiões pertencentes a São Bernardo e tem 492⁵ professores oficiais. A escola escolhida da sede para essa pesquisa se localiza no centro da cidade e a escola localizada na zona rural fica a 10 km de distância da cidade, onde são recebidos alunos aproximadamente de 5 localidades diferentes na escola da zona rural.

A religião que predomina nesta localidade é a católica com aproximadamente 82.99%⁶ da população, praticante. E embora os evangélicos tenham ganhado cada vez mais forças com a expansão do número de igrejas, ainda somam apenas 11,08% dessa população. A cidade é cheia de eventos religiosos e festividades, ficando localizada num ponto estratégico onde faz fronteiras com Luzilândia, Magalhães de Almeida e São Quitéria.

Diante do diagnóstico dos aspectos sociais já existentes no Brasil, o intuito com essa pesquisa, torna se relevante trazer a discussão sobre o processo de reprodução de desigualdades sociais. Assim, partimos de algumas questões: A escola se preocupa com o seu papel na transformação social? Luta para que, através dela, seus agentes se transformem em mitigadores dessa desigualdade que tanto nos assombra?

³ Todos os nomes tanto de escolas como de alunos, professores e gestores são fictícios

⁴ Informações coletada na secretaria Municipal de Educação Ciências Tecnológicas e Inovação, de São Bernardo -MA. Obtida através da supervisora Maria Ivana Costa Santos- setor SEMECTI.

⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-bernardo/pesquisa/13/78117>

⁶ https://www.estadosecidades.com.br/ma/sao-bernardo-ma_religioes.html

A desigualdade social afeta diariamente milhares de estudantes em todo o país. A partir da análise feita através desta pesquisa, buscaremos compreender as dificuldades produzidas fora da escola, mas que acabam por reforçar-se dentro dela. O que se percebe cada vez mais, é a desigualdade tornando-se elemento presente no cotidiano escolar, principalmente em pequenas cidades, onde podemos encontrar diferentes grupos sociais que vivem diariamente e passam pela crise da desigualdade social. A pandemia nos propulsiona uma visão mais atenta às desigualdades já existentes. Em um contexto pós-pandêmico, ou seja, já não estamos mais em uma pandemia, devido a diminuição e propagação do vírus que se deu após uma grande quantidade de pessoas tomarem a vacina contra a Covid-19, mostrando eficácia na diminuição e propagação do vírus. Neste sentido já estamos vivenciando, atualmente o retorno das aulas presenciais que ocorreram no primeiro período de 2022, neste sentido precisa de uma maior atenção, priorizando os estudantes e dando total atenção, pois uma cidade como São Bernardo, localizada no interior do estado do Maranhão, as dificuldades serão evidentes, ainda mais cujos índices socioeconômicos apontam que:

Do ponto de vista do rendimento médio mensal, os trabalhadores de São Bernardo recebem em torno de 1,5 salários mínimos. Os domicílios não representam a garantia de segurança sanitária para as famílias que nele residem, com apenas 11,1% deles com tratamento de esgoto adequado. Com relação ao abastecimento de água, o atendimento é parcialmente ofertado pela Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA). Na área urbana, 56% da população tem acesso ao sistema de água encanada. Na área rural, 47% da população tem acesso adequado à água por meio de poços coletivos e individuais, segundo o Relatório Final do Plano Municipal de Saneamento Básico e Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. Na situação em que nos deparamos atualmente, que nos impõe a necessidade de novos hábitos de higiene como forma de prevenção da doença, esses dados são sintomáticos de como as consequências das desigualdades abarcam variados aspectos. (COLASANTE & PEREIRA, 2021, p. 207)

Nesse sentido, faz-se necessária uma reflexão a partir da compreensão e percepção dos contextos sociais, em que os estudantes estão inseridos. Desse modo, os professores e gestores, ou seja, toda equipe escolar planeja seus conteúdos e sua atuação frente a um cenário tão adverso. É fato que cada aluno se encontra inserido no espaço social diferente, e cada espaço determina e possibilita a um diferente estilo de vida, pois segundo Bourdieu (2004) a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação que pode apresentar diferentes estilos de vida e possibilidades desiguais como ressalta:

O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida. Assim, a percepção do mundo social é produto de uma dupla estruturação: do lado objetivo, ela é socialmente estruturada porque as propriedades atribuídas aos agentes e instituições apresentam-se em combinações com probabilidades muito desiguais: assim como os animais com penas têm mais possibilidade de ter asas do que os animais com pêlo, assim também os possuidores de um domínio refinado da língua

têm mais possibilidade de serem vistos nos museus do que aqueles que são desprovidos desse domínio. (BOURDIEU, 2004, p. 160-161).

Pois de fato, o espaço social que estamos inseridos interfere no conhecimento e desenvolvimento no âmbito escolar. Ao longo da vida o espaço social é fator determinante para nossos conhecimentos, e conseqüentemente mudar a realidade social, e obviamente que a educação é fator importante e principal nessa trajetória do indivíduo, mesmo que a escola seja um ambiente iniciado pela burguesia, ela ainda é a única esperança para uma pessoa alcançar seus objetivos enquanto cidadãos e profissionais.

Este trabalho está dividido em quatro partes, na primeira parte aborda de modo geral a educação e desigualdade social no Brasil e procura analisar o impacto da pandemia na reprodução das desigualdades, também aborda a questão das desigualdades educacionais enfrentadas nas Escolas Públicas e a violência simbólica enfrentada por alunos.

Na segunda parte, discutiremos os desafios encontrados no ensino remoto no período da pandemia na educação básica, em que abordaremos o desafio no uso das Tics frente as desigualdades sociais no âmbito da educação, e a evolução tecnológica na educação no Brasil.

Na terceira parte trataremos dos desafios encontrados por professores e alunos na cidade de São Bernardo-MA, em que apresentaremos a quantidade de alunos e professores, participantes dessa pesquisa, alguns relatos de professores e os desafios dos estudantes tanto da zona rural como da sede. E finalmente, na quarta parte, evidencio os resultados da minha pesquisa com relatos e gráficos. Inicialmente o tema era desigualdade social e educação, no entanto, minha pesquisa foi feita no período da pandemia por isso acrescentei o nome pandemia⁷ no tema dessa pesquisa.

⁷ De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia ou surto afeta uma região, se espalhando por diferentes continentes com transmissão de indivíduo para indivíduo.

2 PERCUSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa iniciou-se com a elaboração do projeto, e foi realizada em duas escolas de São Bernardo, uma localizada na zona rural e outra na zona urbana. Essa pesquisa foi feita com alunos de 10 a 15 anos de turmas diferentes 5ºano e 7º ano sendo direcionada também a alguns professores da rede básica, utilizando a metodologia quantitativa e qualitativa, com a aplicação de questionários semiestruturados. No primeiro momento da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico em que me aprofundei e estudei obras que contribuíram teoricamente para análise do tema proposto, e o enriquecimento da mesma, como: Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Indignação, Pedagogia da Autonomia, A Reprodução, Escritos de Educação, entre outras. Obras de autores como Paulo Freire, Bourdieu, Passeron entre vários outros. Um segundo passo foi a busca dos locais aos quais seria realizada a pesquisa de campo, sendo assim, damos prosseguimento a etapa da pesquisa qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa segundo Silveira e Córdova tem como características:

[...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (SILVEIRA E CORDOVA, 2009, p. 32).

Nesta pesquisa, busquei compreender os fatores sociais relacionados a reprodução da desigualdade social no âmbito escolar. Ao fazer isso, através da realidade vivenciada, ao qual dediquei-me ao objetivo maior de obter informação e compreender os efeitos da pandemia nas escolas de São Bernardo/MA, obtendo informações que pautem ações que visam compreender e descrever práticas entrelaçadas aos processos de vulnerabilidade e precarização, resultados da desigualdade social, posto como resultados desta pesquisa.

A falta de expectativa quanto às possibilidades de mobilidade social a partir do ensino foi um elemento a ser mapeamento com o intuito de mensurar em que medida essa falta afeta diretamente a evasão escolar, e o sucesso do mesmo, criando um círculo vicioso entre gerações familiares inseridos em processos de exclusão social.

No terceiro momento, já com a escolha das escolas bases dessa pesquisa, parti para a apresentação da temática inicialmente às diretoras das escolas em que foi aplicada a pesquisa. Primeiramente, entrei em contato com a gestão da Escola Municipal José de Farias, sendo o contato por conta da pandemia, 100% on-line, utilizando os aplicativos de redes sociais para entrar em contato com a direção e vários professores dessa escola. No entanto, tive auxílio de

uma sobrinha que estuda nesta escola da zona rural que manteve um elo entre mim e os professores da escola.

Em uma primeira etapa, a pesquisa direcionou-se para professores entrevistados integrantes da rede pública da zona rural e urbana de São Bernardo. Dessa forma, buscamos entender o papel da escola em relação a desigualdade social, e se realmente ela alcança os objetivos ou refaz ainda as dinâmicas de reprodução da desigualdade social, e como estava esse processo da educação durante a pandemia.

A pesquisa ocorreu através de questionários, enviados aos alunos e professores das escolas, conversas e relatos através do WhatsApp e algumas visitas na escola da zona urbana, seguindo todos os protocolos de segurança estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde, por conta da pandemia da SARS-CoV2⁸.

As entrevistas com os professores das escolas já mencionadas, nessas linhas foram vistas como cruciais, pois, segundo Lakatos e Marconi:

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do jornalismo, das Relações Públicas, da pesquisa de Mercado e outras (LAKATOS E MARCONI, 2003, p. 196).

As entrevistas através de questionários e relatos de professores foram pontos centrais nessa pesquisa, e foram feitas mediante a pesquisa em contexto de pandemia, para proteção da pesquisadora, dos entrevistados e entrevistadas, respeitando as medidas de segurança sanitária. Assim, esses diferentes momentos objetivaram avaliar como cada ator inserido nesse contexto foi afetado e se organizou para elaborar estratégias de enfrentamento à crise sanitária, mantendo suas atividades de docência e aprendizagem.

A pesquisa teve algumas dificuldades, pois no decorrer da pesquisa de campo, foi preciso mudar de uma escola ao qual já havia sido escolhida como campo devido à problemas relacionados ao cenário pandêmico. Neste momento não tive como estar nesta escola pelo alto índice de casos de Covid-19, diante esse cenário conversei com a professora que iria me auxiliar na pesquisa, e sugeri que a mesma me colocasse nas aulas on-line ou nos grupos que estavam os alunos para explicar os questionários que seriam enviados até eles, logo a professora aceitou, no entanto, pouco tempo depois a professora falou que eu teria que falar com pais pessoalmente na escola no dia da entrega das atividades. Mas, eu não me sentia segura e me encontrava num momento de isolamento, por medo da Covid-19, dessa forma,

⁸ O SARS-CoV-2, também conhecido como novo coronavírus, é uma cepa identificada em 2019 que, infelizmente, tem algumas características genéticas que o tornam mais transmissível e capaz de causar quadros clínicos mais graves.

acabei direcionando à pesquisa em outra escola na qual foi mais compreensiva e eu não precisaria estar me expondo a aglomerações.

Um dos grandes desafios da escola da sede foi o recebimento dos questionários dos alunos, que ao se distrair o professor da turma escolhida acabou devolvendo o mesmo junto às atividades que recebia para a correção, mesmo já estando ciente da pesquisa, o que acabou dificultando esse retorno. Sendo assim, foi preciso um novo envio junto ao caderno de atividades dos alunos, em que tivemos que aguardar, lembrando que, como ressalta Gil, na pesquisa quantitativa também há problemas na recepção dos dados:

É impossível negar que o cientista social lida com variáveis de difícil quantificação. Também é difícil discordar da alegação de que o grande adiantamento de uma ciência pode ser determinado pela precisão de seus instrumentos de medida. Contudo, o problema da quantificação em ciências sociais, se analisado com a merecida profundidade, mostrar-se-á bem menos crítico do que aparenta. (GIL, 2008, p.23)

É impossível para nós pesquisadores permanecemos totalmente estranhos ao que pesquisamos, uma vez que estamos imersos em muitas questões sociais, questões essas que estamos diretamente inseridos no dia a dia. Na realidade, o que temos que entender que mesmo envolvidos diretamente temos que ficar atentos ao que queremos trazer ao nosso leitor, pois segundo Gil:

Frente aos fatos sociais, o pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais. Diferentemente do pesquisador que atua no mundo das coisas físicas – que não se encontra naturalmente envolvido com o objeto de seu estudo –, o cientista social, ao tratar de fatos como criminalidade, discriminação social ou evasão escolar, está tratando de uma realidade que pode não lhe ser estranha. Seus valores e suas crenças pessoais o informam previamente acerca do fenômeno, indicando se é bom ou mau, justo ou injusto. (GIL, 2008, p. 24).

Contudo, numa pesquisa, ao escolhermos o nosso objeto de estudo, consiste em estarmos envolvidos diretamente na temática ou pela curiosidade que nos mobiliza para querermos estudá-las, até para tentar compreender determinado contexto de pesquisa e os sujeitos inseridos. Principalmente na escola da zona rural, Escola Jose de Farias, onde obtive parte da minha trajetória escolar, em que no primeiro momento tive uma conversa com a diretora, apresentei a proposta da pesquisa em que a mesma ficou à disposição para conversar com os professores e alunos, onde tive um grande retorno dos questionários que foram enviados para os estudantes em junho de 2021, tendo um melhor retorno numa turma de 23 alunos do 7º ano, pois, recebi 20 dos questionários enviados, já na turma da 5ºano recebi apenas 7 questionários de uma turma de 20 alunos da zona rural, já na zona urbana turma de

20 anos recebi 10 questionários respondidos, no entanto nessa escola houve alguns problemas ocasionando o envio desses questionários duas vezes o que pode ter ocasionado o baixo recebimento desses questionários, isso é uma hipótese provável.

Desta mesma escola foi possível assistir algumas aulas on-line, o que me permitiu entender mais a dinâmica das atividades dessa escola. Nesta mesma escola, os professores foram bem receptivos ao responder minhas perguntas através dos questionários e conversas pelo WhatsApp, ao contrário da escola da zona urbana em que tive alguns problemas quanto ao retorno dos questionários, tanto dos alunos quanto dos professores. Não sei se pelo desgaste do momento, ou pelo acúmulo de atividades durante a pandemia, diante disso, na Escola Maria do Rosário o retorno dos questionários foi abaixo do esperado. Numa turma de 20 alunos o retorno foi de 10 alunos, turma da 5ºano, no entanto, vale ressaltar que por morar na cidade dessa escola, me facilitou colher algumas informações, por fim, consegui as informações desejadas sobre o tema proposto.

Apesar da pandemia, foi possível realizar a pesquisa com apoio de questionários e das redes sociais, tendo acesso a conversas informais com alguns professores, onde pude debater sobre todos os desafios desse período, bem como as inúmeras dificuldades enfrentadas no decorrer das atividades escolares.

Essa pesquisa é de suma relevância, pois pesquisar algo que envolve a educação vai além das nossas expectativas. Pensar sobre o sistema educacional contribuiu para que nos debruçássemos não somente acerca dos dados, mas também sobre as obras de autores que tratam a temática a fim de enriquecer este trabalho. Por isso, a pesquisa nos trouxe um leque de oportunidades, ao mesmo tempo em que procuramos passar ao leitor um trabalho relevante também aprendemos cada vez mais com a pesquisa. Como ressalta Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo, buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.14)

Portanto, a pesquisa torna-se cada vez mais importante, pois através dela, ao mesmo tempo que aprendemos, ensinamos muito, pois tudo que encontramos na pesquisa procuramos passar ao leitor, ou seja, comunicar a novidade, como Paulo Freire ressaltou (1996). Essa é a proposta dessa pesquisa, trazer aos leitores todo processo e dificuldades no ensino durante a pandemia, partindo de duas escolas em contextos diferentes, com coleta de dados tanto entre professores e também entre os alunos. Assim, conseguimos ter uma melhor noção do que se passou na educação no período da pandemia. Neste sentido foi possível entender como era

aplicada as atividades e como tinha sido todo esse planejamento, ou até mesmo se existiu algum planejamento para o início das aulas. Logo no período inicial da pandemia aqui no Brasil as aulas foram interrompidas e logo voltaram de outra forma, neste sentido a professora Joana da escola da zona urbana ressalta que o planejamento se deu em três modos, aulas remotas, aulas online e plantões pedagógicos, dados coletados através dos questionários, no entanto vale ressaltar que esses plantões pedagógicos só iniciaram no ano de 2021 em que alguns alunos com maiores dificuldades vinham até a escola, seguindo todos os protocolos sanitários. Já na escola da zona rural a professora Maria ressalta que inicialmente foi pensado aulas remotas e logo que se iniciou a vacinação foram formadas estratégias para que as aulas pudessem voltar no formato híbrido e em seguida os plantões pedagógicos em que apenas os alunos que tivessem maiores dificuldades voltariam duas vezes por semana a escola, podendo se estender a mais dias a depender da necessidade dos alunos.

3 EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL

As desigualdades sociais no Brasil, continuam a ser um grande problema ao qual temos que enfrentar diariamente, uma vez que é a realidade de milhões de brasileiros, e com a atual crise provocada pela pandemia gera inúmeras incertezas e impacta diretamente pessoas com maiores vulnerabilidades sociais. A desigualdade que já é enraizada no Brasil, tomou maiores proporções provocadas pela crise, esse abismo social ao qual nos encontramos começa quando a má distribuição de renda impacta diretamente a educação, provocando a desigualdade educacional. É evidente que quem possui uma concentração de renda maior, tem maiores acesso e sucesso na educação, pois possuem maiores vantagens e acesso a elementos que contribuam para seu aprendizado, ou seja, o indivíduo com maior concentração de renda tem acesso ao capital cultural mais valorizado na escola, pois lhe proporciona certas vantagens. Mas o que seria o capital cultural é um conjunto de conhecimentos ou habilidades adquiridas no meio social que estamos inseridos, no qual Bourdieu utiliza esse conceito para análise de classe na sociedade, ou seja, utiliza para entendemos como a cultura reflete nas condições de vida do estudante, no sucesso escolar e na sociedade de modo geral, e como isso estar refletido nas desigualdades sociais.

“A noção de capital cultural impõe-se primeiramente como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade no desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, a distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Bourdieu (2015, p. 81).

Esse conceito de capital cultural é extremamente importante pois nos mostra o tamanho das desigualdades sociais e como agem no processo de manutenção das mesmas, e a partir dele que determina o sucesso de um estudante no ambiente escolar

A escola serve tanto para diminuir ou reproduzir a desigualdade social, no entanto não é o papel que esperamos da mesma. Entretanto acaba por acontecer dentro dessas instituições determinadas questões como: distinções, diferenças e desigualdades. Neste sentido a escola também separa e classifica os indivíduos como ressalta a seguir:

Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (LOURO, 1997, p. 57)

A escola serve também para separar os sujeitos diferentes uns dos outros, ditar regras, comportamentos consciente ou inconscientemente. Além de exercer um papel de suma importância, não podemos deixar de destacar que é através dela que o estudante passa a ter a

chance de mudar sua realidade, passando a ser um cidadão crítico, mas também temos que ficar alerta com o poder que a escola exerce sobre o indivíduo, pois de acordo com Louro:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 1997, p. 58)

Por certo que a escola é acolhedora e passa a ter um papel de diminuição da desigualdade extremamente importante na vida do indivíduo, mas inconscientemente também a reproduz devido a sua gênese. Como Louro (1997) ressalta, a escola delimita espaços, separa indivíduos de acordo com suas diferenças e classes, isso porque a escola é fruto da burguesia e há resquícios do papel inicial da escola voltada para determinada classe, embora já tenha se modificado, pois hoje a escola é direcionada a todos.

O importante papel que a escola exerce na vida dos indivíduos primeiramente de desenvolvimento social, porém vai muito mais além. Por isso, a necessidade da participação da comunidade no papel de conhecer o ambiente escolar, é extremamente importante para se ter uma noção do real papel da mesma na vida dos estudantes e da comunidade em geral.

3.1 O impacto da pandemia na reprodução das desigualdades

O ano de 2020 foi marcado pelo surgimento do primeiro caso de infecção pelo vírus da COVID-19 no Brasil, e pela situação calamitosa de uma pandemia com consequências mundiais. De acordo com a OMS a COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2⁹ e tem os seguintes sintomas febre, cansaço e tosse seca, também podem ocorrer perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, diarreia, calafrios ou tonturas. No Brasil, a propagação desse vírus fez com que as escolas fechassem as portas, assim como outras instituições de ensino (universidades e institutos educacionais, por exemplo). Neste cenário alarmante, as instituições tiveram que se adaptar, migrando para uma modalidade remota de ensino, seguindo as normas de decretos municipais e estaduais. Assim, por meio de um decreto: “Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC n.º 343, de 17 de março de 2020, n.º 345, de 19 de março de 2020, e n.º 473, de 12 de maio de 2020”. Diante disso, fez-se necessário

⁹Informações retiradas do site:

[https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=A%20COVID%2D19%20%C3%A9%20uma,febre%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca. acesso](https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=A%20COVID%2D19%20%C3%A9%20uma,febre%2C%20cansa%C3%A7o%20e%20tosse%20seca.) em 10-06-2022.

uma nova organização do calendário escolar, em que foi necessário o estabelecimento de novos procedimentos para se pensar como adotariam as aulas, que até aquele momento estavam paradas, buscando minimizar possíveis danos aos alunos e alunas.

Porém, os desafios apenas começavam, pois, o novo modelo que teria que ser implantado, um modelo emergencial, exigiu dos educadores investimento e tempo de adaptação. Além disso, para que ocorresse com sucesso, os estudantes teriam que ter acesso a meios tecnológicos para evitar possíveis danos e obter um maior desempenho. Só que, infelizmente, nem todos os alunos e alunas tem acesso a rede de internet, o que dificulta ainda mais o trabalho dos professores.

Como apontam pesquisas, o acesso à rede mundial de comunicadores pela população brasileira é limitado, estando reduzido a uma pequena parcela da população. Além disso, nos lares brasileiros, há escassez de acesso a determinados objetos eletrônicos, tais como computadores, celulares e tablets. Com o agravamento da crise econômica, e o aumento do desemprego entre a população, o acesso a esses produtos se tornou ainda mais difícil e precário.

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua (PnaC), em 2019, o estado do Maranhão possuía o 2º menor percentual de acesso à internet, com 67,4% dos lares possuindo acesso à rede mundial de computadores¹⁰.

Diante disso, o sistema educacional passou a possuir um papel fundamental no processo de resistência a reprodução das desigualdades sociais, pois as escolas exercem estratégias que possibilitam melhores condições de avançar na vida, social economicamente. Para isso acontecer, os profissionais da educação precisam escapar ao risco de manter metodologias tradicionais de ensino e de querer apenas depositar conhecimento, ou seja, tratar o aluno como baús onde se depositam conhecimentos totalmente passivos, como destaca Paulo Freire com o seu conceito de educação bancária. Nele, o autor salienta que: “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1987, p. 33).

Ainda hoje, em pleno século XXI, ainda se reproduz esse modelo de ensino ressaltado por Paulo Freire (1987), e diante do que estamos vivenciando nesse contexto pandêmico, esse modelo de ensino nada tem a agregar aos estudantes, principalmente aos que

¹⁰ Para mais detalhes, acesse reportagem a seguir:

<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2021/04/14/maranhao-tinha-o-2o-menor-percentual-de-domicilios-com-internet-do-pais-em-2019-diz-ibge.ghtml> Acesso em 06 de novembro de 2021.

passam por maiores dificuldades relacionadas às desigualdades sociais, em especial à desigualdade de acesso à internet.

Se compararmos estudantes de área urbana com estudantes de área rural, podemos observar que as chances de estudantes das zonas rurais ou locais afastados da cidade alcançarem êxito escolar é bem inferior, e este trabalho procura identificar justamente essas dificuldades. Por isso, para mapearmos uma gama de fatores que interferem nas dinâmicas de reprodução, optamos pela realização de pesquisa qualitativa, com aplicação de questionários, tabulação e apresentação dos dados.

Um dos maiores problemas do Brasil é a desigualdade social, e com a pandemia da Covid-19, isso só ampliou ainda mais essa desigualdade, principalmente os que já se encontravam em maior vulnerabilidade, incluindo uma grande quantidade de estudantes o nosso foco principal.

A desigualdade social nos leva a pensar e refletir sobre quão grande essa desigualdade e o quanto ela distancia as pessoas. O Brasil figura entre os países mais desiguais do mundo. Tal fato acentua-se, principalmente, nos bancos escolares e se interliga diretamente à questão econômica. Desse modo, a falta de dinheiro intensifica disparidades de acesso entre camadas sociais, repercutindo sucesso ou fracasso escolar. Segundo Bourdieu (2015), a escola possui um papel de destaque no processo de reprodução da desigualdade social. O autor aponta que:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora” quando ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2015, p. 45).

Enquanto se prega que a escola serve para diminuição da desigualdade social, ela também reproduz essa desigualdade, legitimando-a através do fracasso escolar. Portanto, se o estudante abandona o sistema educacional e se insere em postos de trabalhos precários, passa a se dedicar ao subemprego, ou, ainda, se ao final da carreira escolar não obtém sucesso, ele se torna o principal responsável pelo seu fracasso, sem ser inserido em todo esse contexto social desfavorável que contribui para a reprodução das desigualdades.

Muitas vezes a escola prega uma coisa e seus colaboradores fazem outra, tratando amiúde os educandos como meros “baús”, como já mencionado e apresentado por Paulo Freire (1987) em seu conceito de educação bancária. A única ação oferecida aos educandos é de recebimentos de conhecimentos, o que para Paulo Freire causa uma distorção na educação:

Na visão “bancária” da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 33).

Nesse caso, os estudantes passam a ser oprimidos, vistos como meros objetos pelos professores, oriundos de classes sociais distintas da sua e possuindo um capital cultural superior. Estudantes que deixam ser oprimidos, acabam alunos afetados por práticas que reproduzem violências simbólicas¹¹, vendo seus saberes tradicionais, atrelados às suas origens, menosprezados e causando danos psicológicos, pois a violência simbólica ocorre sem a necessidade de violência física de forma invisível, na maioria das vezes de forma suave que se utiliza como processos sociais para dominação que pode causar danos irreparáveis, ou seja, danos morais e psicológicos ao indivíduo. Segundo Bourdieu (2015) é um processo de coerção.

Os estudantes, ao chegarem nas escolas, já trazem consigo capitais culturais observados pelos professores ou por membros da sua família, como uma espécie de dom natural, inato, quando são na verdade fruto de processos de socialização. A hierarquia social estruturante de uma sociedade tão desigual como a nossa, legitima determinados capitais culturais e desvaloriza outros. Diante disso, podemos compreender que tudo vai depender do capital adquirido pelo indivíduo, ou seja, o capital social.

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2015, p. 75).

O capital social do indivíduo impacta diretamente no sucesso em sua trajetória de vida, e esse mesmo capital social vai depender das suas relações e até mesmo do capital econômico e cultural adquirido, e isso, dentro do sistema educacional determina até mesmo o desempenho do aluno quanto ao sucesso ou o fracasso. Assim, como ressalta:

A noção de capital cultural impõe-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. Este ponto de partida implica uma ruptura com os pressupostos inerentes, tanto à visão comum que considera o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões” naturais quanto às teorias do “capital humano”. (BOURDIEU, 2015, p. 81):

O estudante inserido em contexto social de estratos inferiores da sociedade, terá menores chances de adquirir um capital cultural valorizado socialmente, não adquirindo uma bagagem prévia de conhecimento suficiente para ter um desenvolvimento escolar considerado de sucesso. Com isso, ele já entra na escola com desvantagem e isso pode levar ao fracasso escolar, além da sensação de estar em um lugar do qual não faz parte. Há ainda um agravante dele se sentir responsável pelo próprio infortúnio.

Nessa questão da legitimidade da desigualdade social no sistema educacional, faz-se necessário pensar a melhoria de políticas públicas e aprimorar as formações de professores, para assim, fornecer aos alunos que vivem diariamente as dificuldades relacionadas à desigualdade socioeconômica, uma melhor assistência na escola. Deste modo, não havendo concordância com a legitimação, e até mesmo a reprodução da desigualdade social na escola.

De acordo com Bourdieu. “Concordar-se á facilmente, e talvez até facilmente demais, com tudo o que precede. Mas restringir-se a isso significaria abdicarmos de nos interrogar sobre a responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades sociais”. (BOURDIEU 2015, p. 58). A escola por muito tempo foi posta assumindo um papel na mitigação da desigualdade social, e por meio dela esperávamos que a educação garantisse ao indivíduo a igualdade de oportunidade entre todos e todas.

A competência que atribuímos à escola é transformadora e democrática, mas, segundo Bourdieu (2015) a escola não é neutra e acaba por favorecer a reprodução e a disseminação da ideologia da classe dominante. Nesse ponto, cabe destacar que sabemos que nem todos temos o mesmo capital cultural. Tal fato nos torna vulneráveis e desfavorecidos na escola, principalmente no que tange ao crescimento escolar. Sobre o capital cultural Bourdieu (2015) sublinha o seguinte:

Na realidade, cada família transmite a seus filhos mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 2015, p. 46)

De fato, todos recebemos um certo capital cultural, mas esse se modifica se ampliando quando temos experiências novas, conhecemos novas culturas, frequentamos lugares diferentes dos habituais (como: museus, teatros, cinemas, bibliotecas, etc.), e isso tudo modifica o acesso que tínhamos aos capitais culturais de origem. Portanto, percebe-se que a vulnerabilidade socioeconômica, e a falta de equipamentos privados e públicos que propicie o acesso a esses conhecimentos culturais, afeta na distribuição dessas capitais. Diante disso,

podemos pensar em como melhores políticas públicas auxiliam para que mais pessoas possam ter acesso a oportunidades iguais.

Devido isso, a escola faz distinção e privilegia quem tem um certo capital cultural, pois o mesmo interliga a escola e tem um papel fundamental na construção e formação dos estudantes. O que acaba por selecionar estudantes privilegiados, uma vez que, geralmente, a pessoa que possui acesso ao maior capital cultural, possui também capital econômico e social. Segundo Bourdieu (2015), isso causa um desfavorecimento aos mais desfavorecidos.

Com efeito para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (BOURDIEU, 2015, p. 59).

Por isso a necessidade de garantir o direito a todos e todas, independentemente de classe social. Nesse sentido, torna-se necessário cada vez mais investimentos na formação de professores, pois sabendo que as desigualdades sociais, principalmente a socioeconômica interferem diretamente no rendimento escolar de boa parte dos alunos afetados, e mesmo com inúmeras transformações ao longo dos anos nos avanços com relação à educação, a escola pode e deve ser agente de transformação da vida do aluno.

Conforme a Constituição Federal de 1988: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Mas será que realmente esse direito está sendo posto em prática, garantindo uma educação de qualidade a todos? Em seguida vem o artigo que dispõe sobre o ensino: “Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Ou seja, igualdade de condições a todos e todas. Entretanto, no dia a dia, o que estamos vendo são as desigualdades alavancando cada vez mais. A realidade é que nem todos temos a mesma igualdade de condições para a permanência nas escolas, tanto que acaba acontecendo uma grande evasão escolar. O que ocorre é que muitas vezes o aluno não consegue acompanhar os colegas e acaba desistindo da sua trajetória escolar.

3.2 As Desigualdades Educacionais Enfrentadas nas Escolas Públicas

A escola por si só deveria exercer um papel, senão neutro, no entanto a escola faz parte de um projeto político de Estado. Entretanto a busca é romper com as práticas e discursos das classes dominantes que ainda persiste nas instituições educacionais. Contudo, o que percebemos de fato é que não acontece dessa forma esse rompimento ainda está longe do fim. Neste sentido a escola acaba por ser reprodutora de estruturas sociais a serviço de determinada classe, pois utiliza apenas uma linguagem que favorece diretamente a elite, ou seja, a classe dominante, o que privilegia determinados grupos. Nesse contexto, a escola está contribuindo com o sucesso apenas de alguns alunos, pois a mesma age como se o conhecimento fosse algo natural e todos tivéssemos a mesma facilidade de aprender e ter acesso a ele da mesma forma. O fato é que nem todos detêm esse conhecimento com facilidade.

Ao avaliarmos nossos alunos igualmente, sem contextualizar a partir da bagagem que uns trazem para escola, cotejando quais aspectos que impactam no sucesso escolar, cometemos violência simbólica, que de acordo com Bourdieu e Passeron (2014), representa essa autoridade na atuação pedagógica dos professores e se expressa através da comunicação de um poder coercitivo.

Enquanto poder arbitrário de imposição que, só pelo fato de ser desconhecido como tal, se encontra objetivamente reconhecido como autoridade legítima, a AuP¹², poder de violência simbólica que se manifesta sob a forma de um direito de imposição legítima, reforça o poder arbitrário que a estabelece e que ela dissimula. (BOURDIEU, 2014, p. 34)

Diante disso, podemos entender o sistema educacional como um conjunto de mecanismos que envolve poder e domínio e se estende mais ao domínio da classe dominante, que de certa forma está sendo favorecida e acaba por contribuir na reprodução da estrutura social de desigualdades econômicas, sociais e culturais. Dessa forma, tendo em vista o capital cultural que determina por certo a estrutura social ou a conserva a mesma diante da sociedade, dando mais forças e preservando as estruturas das classes, isso ocorre para reforçar relações já estabelecidas no sistema educacional que não percebemos. Segundo Bourdieu & Passeron, sobre relações de força eles destacam que:

2.1.1. As relações de força são no princípio, não somente da AP¹³, mas também do desconhecimento da verdade objetiva da AP, desconhecimento que define o reconhecimento da legitimidade da AP, e que, por essa razão constitui a sua condição de exercício (BOURDIEU & PASSERON, 2014, p. 36).

¹² AuP: Autoridade pedagógica

¹³ Ap: Ação pedagógica

Portanto, podemos destacar que as relações de força, de acordo com Bourdieu e Passeron (2014), determinam o modo de imposição característico de uma ação pedagógica, sendo um sistema de meios necessários à legitimação de certa violência simbólica. Isso ocorre muitas vezes e passa despercebido pelo estudante, e também, pelo próprio professor, por isso a necessidade de buscarmos e entendermos nossos alunos, suas identidades, suas culturas, ou seja, o meio que estão inseridos para podermos nos adequar ao nosso alunado.

A escola não pode ser omissa, pois sabemos que seu papel é fundamental e que, por isso, a importância de a equipe escolar conhecer seus estudantes para se ter projetos adequados aos variados tipos de alunos que encontramos em determinada sala de aula. É sabido que uma boa escola faz toda diferença na vida de um aluno, principalmente para os que se encontram em maior vulnerabilidade socioeconômica, por essa razão há a necessidade de políticas públicas educacionais de qualidade atentas ao educando, visto que, além da desigualdade socioeconômica, há inúmeros fatores que prejudicam boa parte dos alunos. Ao falarmos em desigualdade educacional isso se refere às diferenças no aprendizado dos alunos, e se analisarmos a fundo todo processo de aprendizado, determinados estudantes com maior vulnerabilidade socioeconômica e alunos com poder aquisitivo mais alto, veremos que automaticamente isso se refletirá na aprendizagem. A gente percebe que o sucesso escolar depende muito da origem social, ou seja, do rendimento escolar, o que não quer dizer que os mais vulneráveis não possam ter sucesso escolar, mas que o caminho a percorrer se torna mais longo, mas não impossível.

3.3 Desigualdades e Violência Simbólica nas Instituições Escolares Enfrentadas por Alunos

O aluno ao entrar na escola com dificuldades de aprendizagem, muitas vezes é reflexo da desigualdade sofrida, passa por inúmeros desafios e um deles é a violência simbólica. A violência simbólica no sistema educacional geralmente passa sem que até mesmo o indivíduo perceba que está de fato cometendo esse tipo de violência, por muitas das vezes ser algo naturalizado na ação pedagógica.

A violência simbólica se encontra em toda a sociedade e em diversos lugares. Partiremos de um pressuposto que dentro do sistema educacional essa violência não deveria existir, pois causa danos imprevisíveis ao estudante. Essa violência passa a acontecer da forma que professores excluem alunos em seus debates e esses não fazem parte de

determinados grupos, a não se encaixarem com o que a instituição determina, ou com o que a sociedade valoriza. Sobre esse contexto, tudo se liga a posição social do aluno e até mesmo ao capital adquirido pelo mesmo, que detém valor para a escola e acaba mantendo certos privilégios para determinados estudantes. Assim, para entendermos melhor, precisamos saber do que se trata essa violência simbólica. Segundo Bourdieu (2001).

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-la e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados, no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) (BOURDIEU, 2001, p. 206-207).

Essa coerção acontece de várias formas, vários lugares, entre vários indivíduos, mas nosso foco é no sistema educacional entre professores e alunos. Tudo isso ocorre conforme o poder simbólico, algo que vem sendo naturalizado na sociedade e exercido pelo poder do Estado através dos seus representantes. Isso está nas entre linhas e vem acontecendo sem ser percebido por muitos, mas que prejudica milhares de pessoas. Os alunos chegam às instituições e muitas vezes tem dificuldades, principalmente aqueles que não tem muitas oportunidades e moram afastados das cidades ou de grandes centros, tudo ocorre através das relações de poder, especificamente do poder simbólico exercido pelo dominador em relação ao dominado e nas instituições escolares quem detém esse poder simbólico é o professor e o gestor.

Ao submergirem nas escolas alunos com maiores dificuldades, são deixados de lado por seus professores. O que ocorre, muitas vezes, é um movimento em que os que deveriam ter mais atenção são deixados de lado, pois a escola mesmo pregando a inclusão, acaba atuando a serviço de uma elite, ou seja, determinada classe valorizada, sobre a negligência do poder do Estado. “O Estado institui e inculca formas simbólicas comuns de pensamento, contextos sociais da percepção, do entendimento ou da memória, formas estatais de classificação, ou melhor, esquemas práticos de percepção, apreciação e ação”. (BOURDIEU, 2001, p. 213). Tudo isso acaba por criar condições para violência simbólica.

Sabemos que na atual conjuntura existe violência tanto da parte de alunos quanto da escola em geral, mas o que estamos explorando é a violência sofrida por alunos. Na violência simbólica, não acontece a agressão física, e o fato dela ser sutil não impede que a mesma seja sentida e tenha graves consequências psicológicas que afetará diretamente as trajetórias de vida dos estudantes. Os alunos são excluídos simplesmente por não terem um conhecimento

valorizado pela instituição em que estão inseridos, algo grave que está acontecendo diariamente e prejudica milhares de estudantes. Tudo isso serve como suporte para a classe dominante, uma vez que, essa violência se dá a partir das relações de poder, em que o estudante se sente excluído simplesmente por não ter o mesmo poder de conhecimento que os demais, causando até mesmo um sentimento de incapacidade que afeta a autoconfiança.

Por mais que se diga que o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita é para todos e todas, continuará existindo uma forte ligação entre as desigualdades sociais e culturais por exemplo a inclusão social de pessoas com deficiência que tem muito a melhorar. Essa ligação só pode ser explicada quando se considera que a escola valoriza determinadas qualidades e aptidões, e desconsidera outras. Portanto, o acesso a determinados capitais culturais valorizados pela sociedade depende muitas vezes da classe social do estudante, por essas disparidades desiguais, acabam sendo adquiridos desigualmente entre os estudantes, notadamente, o capital cultural dos indivíduos é determinado pelo ambiente que vive ou posição socioeconômica que o mesmo tem, que lhe propicia determinadas vantagens, como viagens, conhecer novas culturas, aquisição de bens, como livros, cinemas, meios tecnológicos avançados que acabam contribuindo para um conhecimento mais amplo.

Podemos colocar as instituições escolares como um sistema de seleção que elege a partir de determinados capitais valorizados, àqueles alunos que tiveram mais oportunidades e se destacam entre os demais no sistema escolar: Segundo (Bourdieu e Passeron, 2014, p. 202).

Assim pode se dizer que um sistema de ensino seja tanto mais capaz de dissimular sua *função social* de legitimação das diferenças de classes sob sua *função técnica* de produção das qualificações quanto menos lhe é possível ignorar as exigências incompressíveis do mercado de trabalho: sem dúvida as sociedades modernas conseguem cada vez mais obter da Escola que ela produz e garante como tais cada vez mais indivíduos qualificados, isto é, cada vez mais bem adaptados às exigências da economia; mas essa restrição que a autonomia impõe ao sistema de ensino é sem dúvida mais aparente do que real na medida em que a elevação do mínimo de qualificação técnica exigido pelo exercício das profissões não traz consigo *ipso facto* a redução do desvio entre a qualificação técnica que o exame garante e a qualidade social que ele outorga pelo que se poderia chamar seu *efeito de certificação*.

Assim, como os autores apontam acima, se a escola possui o papel de certificação técnica, formando para o mercado de trabalho, é justamente por não contestar as exigências do mercado, contribuindo para a formação da massa de trabalhadores, tendo como consequência a incapacidade desses sujeitos ascenderem socialmente por profissões com maior remuneração e que exigem formação especializada, acreditando serem os verdadeiros responsáveis pelo seu fracasso estudantil e pela posição social que ocupam. As relações sociais interferem diretamente nos comportamentos dos indivíduos e no espaço escolar, não diferiria onde ocorre a junção de diferentes sujeitos oriundos de vários lugares.

Nesse caso, a escola prega um tratamento igualitário a todos, mas se em uma determinada instituição escolar existem sujeitos oriundos de diferentes lugares, um tratamento igualitário beneficiaria alguns alunos e simultaneamente prejudicaria outros. O que a sociedade busca em geral é uma escola transformadora, democrática e se disponha fazer diferença na vida dos estudantes. Diante dessa pesquisa, nota-se que instituições escolares mesmo sabendo que existem diferentes sujeitos de diferentes locais e que de certa forma, o local que os mesmos moram, interfere no sucesso ou fracasso escolar, ou seja, a bagagem que os estudantes trazem consigo contribui para seu conhecimento.

Podemos identificar que esses fatos são muitas das vezes ignorados pelas escolas, isso acaba prejudicando os estudantes. Segundo Bourdieu (2015), professores acabam tratando o conhecimento dos alunos a dons naturais, simplesmente alguns têm maiores facilidades na aprendizagem.

O professor que, ao julgar aparentemente “dons inatos” mede, pelos critérios do *ethos* da elite cultivada, condutas inspiradas por um *ethos* ascético do trabalho executado laboriosa e dificilmente, opõe dois tipos de relação com uma cultura à qual indivíduos de meios sociais diferentes estão desigualmente destinados desde o nascimento. A cultura da elite é tão próxima da cultura da escolar que que as crianças originárias de um meio pequeno-burguês (ou, *a fortiori*, camponês e operários) não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos os filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido em pregado pelos etnólogos) dessa classe. (BOURDIEU, 2015, p. 61).

Nessa perspectiva, compreende-se o porquê de a elite aderir fortemente a valores escolares, pois certo que a escola lhe oferece melhores chances de ascensão e sucesso, confundindo os valores do êxito social com prestígio cultural. (BOURDIEU, 2015, p. 53).

Em uma breve análise feita percebemos que as chances de alguém ascender e chegar a uma graduação depende muito do ambiente em que vive e da falta de oportunidades. Oportunidades que não são oferecidas pelo poder público, principalmente em lugares distantes de grandes centros, identificamos locais em que os estudantes das classes populares são mais prejudicados que os das classes médias pois quando chegam a escola sofre com os mecanismos de exclusão social.

Tudo isso ocorre diante do poder que o Estado exerce sobre a educação, já de fato beneficiando a elite, com a atuação de parte de seus agentes que contribuem diretamente ou indiretamente para que isso aconteça. Tal fato se dá pelas relações de forças entre grupos ou classes, e sempre quem sai perdendo é a classe baixa, pois não há como lutar contra o poder instituído na sociedade, e assim, se torna vitorioso. Isso se constitui em um tipo de violência simbólica, que parte de dentro das escolas. Para os autores Bourdieu e Passeron, toda ação

pedagógica é uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário de um arbitrário cultural. (BOURDIEU & PASSERON, 2014, p.26). Diante das inúmeras dificuldades encontradas na trajetória escolar, um aluno de classe média terá mais chances de ser bem-sucedido, pois as condições que a escola oferece a estes são bem mais compatíveis do que aos alunos de classe baixa, ocorrendo um sistema de seleção desigual. Assim, como enfatiza Bourdieu:

As cifras sistemáticas que ainda separam, ao final do *cursus* escolar, os estudantes oriundos dos diferentes meios sociais devem sua forma e sua natureza ao fato de que a seleção que eles sofrem é desigualmente severa, e que as vantagens e desvantagens sociais são convertidas progressivamente em vantagens e desvantagens escolares pelo jogo das orientações precoces, que, diretamente ligadas à origem social, substituem e redobram a influência desta última. (BOURDIEU, 2015, p. 57).

Portanto, apesar das inúmeras transformações dos avanços na educação, ainda nos deparamos com tamanhas desigualdades que afetam diretamente o sistema educacional, deixando seus alunos vulneráveis dentro desse sistema de seleção, como aponta o autor. Os estudantes são de diferentes meios sociais e consigo trazem vantagens e desvantagens, isso depende muito do meio em que se encontram, uma vez que, depende muito da sua trajetória escolar e, posteriormente, seu futuro profissional. No caso do Brasil, impacta até mesmo na conclusão do ensino fundamental e do ensino médio.

4 DESAFIOS ENCONTRADOS NO ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19

O sistema educacional no Brasil há muito tempo enfrenta problemas relacionados à desigualdade social. No ano de 2020, no mês de fevereiro, foi constatado o primeiro caso de COVID -19, e em março, veio a confirmação de transmissão comunitária. Logo em seguida, o país registrou a primeira morte em decorrência do vírus SARS-COV-2. Diante disso, além dos problemas já existentes, um novo cenário de inúmeras incertezas surgiu relacionado à pandemia. Para conter a propagação do vírus, foi preciso seguir as orientações da OMS¹⁴, Organização Mundial da Saúde, sendo necessárias várias mudanças.

No âmbito da educação, houve a necessidade de algumas mudanças, pois não teve outra alternativa a não ser fechar as instituições escolares, evitando o contágio entre as crianças e adolescentes, e a disseminação do vírus entre a população. Na cidade de São Bernardo/MA, isso ocorreu no dia 17 de março de 2020, e desde então, as instituições tiveram que se adequar ao novo modelo de ensino. Atualmente, já se passaram mais de dois anos desde o início da pandemia no Brasil.

Os desafios encontrados foram os mais diversos, já que a desigualdade social existente surge como um dos fatores principais relacionados às dificuldades dos estudantes – fato que se agrava em uma cidade cujo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é 0,572, considerado muito baixo, de acordo com pesquisas feitas pelo IBGE¹⁵ /2010. O IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia. Instituto de Pesquisa que nos possibilita ter acesso a mais informações sobre o Brasil, como sua extensão populacional entre vários outros dados.

Nesse contexto, professores e alunos se viram em uma encruzilhada, tendo que repensar e planejar, mapeando alternativas para adaptação à nova realidade. Em um primeiro momento, buscou-se analisar melhor as possibilidades, priorizando ações que evitassem que os estudantes fossem ainda mais prejudicados. Assim, coube então às instituições escolares buscarem mecanismos para a volta às aulas em modo remoto, exigindo mudanças. Nesse momento de crise mundial, tais arranjos foram necessários, porém, representaram desafios e obstáculos a serem percorridos. Sobre mudanças, Paulo Freire destacou:

Se a mudança faz parte necessária da experiência cultural, fora da qual não somos, o que se impõe a nós é tentar entendê-la na ou nas suas razões de ser. Para aceitá-la ou negá-la devemos compreendê-la, sabendo que, se não somos puros objeto seu, ela não é tampouco o resultado de decisões voluntaristas de pessoas ou de grupos. Isto

¹⁴ OMS: Organização mundial da saúde, criada em abril de 1948, com o objetivo principal de garantir que todas as pessoas do planeta tenham acesso ao mais elevado nível de saúde.

significa, sem dúvida, que, em face das mudanças de compreensão, de comportamento, de gosto, de negação de valores ontem respeitados, nem podemos simplesmente nos acomodar, nem também nos insurgir de maneira puramente emocional. É neste sentido que uma educação crítica, radical, não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo. Faz parte também desta percepção lúcida da mudança a natureza política e ideológica de nossa posição em face dela independentemente de se estamos conscientes disto ou não. (FREIRE, 2000, p. 17).

Diante do cenário inicial da pandemia, da situação calamitosa, tendo em vista a necessidade do distanciamento social para conter ou diminuir a propagação do vírus, em um primeiro momento, fez-se necessário tomar medidas no âmbito educacional. O Conselho Nacional de Educação (CNE) deu um parecer em 28/04/2020 aprovando uma reorganização do calendário escolar e a possibilidade de atividades não presenciais para fins de cumprir a carga horária anual durante a pandemia.

O parecer do Conselho Nacional de Educação possibilitou, dessa maneira, que as atividades voltassem não presenciais, isto é, de forma híbrida e remota. Dessa maneira, o ensino remoto se estruturou da seguinte forma; segundo os docentes, as aulas funcionavam através de produção de atividades para casa e suporte *on-line*. Já o ensino híbrido, funcionava por meio de atividades em pequenos grupos na escola, em dois dias na semana, e suporte *on-line* – isso em um segundo momento da pandemia. Tais estratégias foram definidas no decorrer do período pandêmico, conforme as restritivas tomadas impostas pelo governo federal, estadual e municipal. Um modelo de ensino que se valia das mesmas tecnologias da educação a distância, porém com metodologias de ensino distintas, foi assim implementado para minimizar os efeitos da suspensão das aulas presenciais – principalmente em regiões do interior do país.

Mesmo sabendo que o atual modelo de ensino prejudicaria alguns grupos de estudantes que não possuíam aparatos tecnológicos, essa foi a forma encontrada pela Secretaria de Educação do Estado, diante dessa conjuntura, já que não nos encontrávamos em condições necessárias para retorno às aulas presenciais, ou seja, nos meses iniciais, não existiam vacinas ainda, impossibilitando as instituições escolares de funcionarem presencialmente. Por isso, nem todos os alunos permaneceram tendo aulas, sendo que as condições e as desigualdades sociais foram um dos fatores primordiais para ampliação da defasagem, pois de acordo com dados nem todos os estudantes têm acesso aos meios tecnológicos. Segundo dados publicados no site do Senado, no dia 12.08.2020.

Entre os quase 56 milhões¹⁶ de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de covid-19, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas *on-line* não possuem acesso à internet. Esses são alguns dos dados de pesquisa do Instituto Data Senado sobre a educação na pandemia, divulgada nesta quarta-feira (BRASIL, 2020).

Neste contexto, foram necessárias adaptações desses novos modelos de ensino remoto e híbrido, cruciais para suprir as carências de acesso ao conhecimento por parte dos estudantes a fim de amenizar as consequências futuras em seu aprendizado. Desse modo, mesmo as escolas buscando alternativas possíveis para minimização de danos, o que se percebe após dois anos de pandemia é que as consequências são evidentes e perceptíveis.

Portanto, neste novo cenário, os docentes tiveram que utilizar diversas ferramentas, através da internet para tentar suprir as aulas presenciais, das “simples” às mais “complexas” como: *WhatsApp, Youtube, Google Meet, Zoom* e vários outros. O principal problema é que nem todos os estudantes possuem condições de terem os aparelhos tecnológicos para assistir às aulas propostas, e nem todos os docentes dialogavam com os meios tecnológicos. Por esse motivo, a necessidade de acompanhá-los e adaptarmos, a novas situações com as quais passamos na pandemia.

As novas formas de ensino, mais uma vez, estão em desarmonia com igualdade de oportunidades. Diante disso, a partir da pesquisa, percebe-se que aulas remotas afetaram um número expressivo de estudantes que não possuem acesso aos aparatos tecnológicos, tais como: computadores, *tablets*, fora os casos em que existe no domicílio apenas um aparelho de telefone celular, quando há. Ao compararmos com a cidade de São Bernardo/MA, campo empírico da minha pesquisa, muitos estudantes são oriundos da zona rural, localidades em que o sistema tecnológico é de má ou precária qualidade e, em alguns casos, inexistente. Atrelado a isso, os professores foram pegos de surpresa, tendo a necessidade de formações e planejamentos dialógicos atravessados pelas novas tecnologias, ocorrendo uma fusão entre tecnologia e educação, como ressalta Freire (2000):

A compreensão crítica da tecnologia, da qual a educação de que precisamos deve estar infundida, é a que vê nela uma intervenção crescentemente sofisticada no mundo a ser necessariamente submetida ao crivo político e ético. Quanto maior vem sendo a importância da tecnologia hoje, tanto mais se afirmar a necessidade de rigor vigilância ética sobre ela. De uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do ser mais e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (FREIRE, 2000, p. 46).

¹⁶ Dados retirados do site: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>, acessado no dia 04-05-2021.

Diante dos relatos de professores da rede pública de São Bernardo/ MA, um dos maiores problemas encontrados nesse modelo de ensino foi a falta de compreensão dos recursos tecnológicos, ou seja, muitos deles tiveram que se adequar e aprender a utilizar esses meios, como a edição de vídeo, ministrar aulas da melhor maneira possível pelo *Google Meet*, *Zoom* ou até mesmo pelo *WhatsApp* – o que foi uma experiência nova, difícil e desafiadora, segundo eles. Este modelo de ensino deixou marcas tanto positivas quanto negativas. Embora, surgindo como uma modalidade emergencial, não imaginamos que durasse tanto tempo - o que nos leva a pensar sobre sua permanência em alguns níveis de ensino.

O novo modelo adotado possui semelhanças com a Educação à Distância (EAD), que já existia em diversas instituições, incluindo as universidades federais e estaduais. Todavia, esse modelo sofre críticas justamente por não ser presencial e não ter esse contato físico, que é extremamente importante. Embora já tivesse ganhado destaque, nunca se viu tanto falar em educação a distância como atualmente. De acordo com Pimentel (2017, p. 26-27):

Ainda vivenciamos situações em que a modalidade a distância é vista como paliativo do ensino presencial e tem sido uma alternativa em que a presença física de um estudante em uma instituição de ensino torna-se impossível. Nesse caso, a concepção de Educação a Distância fica reduzida à não presença em sala de aula. No entanto, graças à evolução conceitual dessa modalidade educativa, essa abordagem vem sendo superada, e a concepção de “distância” tem evoluído, principalmente com as necessidades de ampliação do acesso ao Ensino Superior de qualidade que, cada vez mais, lança mão do potencial das TICs, em benefício da consolidação das políticas públicas de educação.

Atualmente a modalidade de ensino à distância vem superando diversas críticas e, a cada dia vem crescendo. No período da pandemia, o novo modelo de ensino utiliza as ferramentas tecnológicas que acabaram por confundir alguns indivíduos e, mesmo não sendo o mesmo que EAD, muitos confundem com o modelo de ensino remoto apenas por não ser presencial e utilizar meios eletrônicos, como auxílio das aulas para poder desenvolvê-las no ambiente virtual. Entretanto, essa divergência também acontece com professores, como constatamos no relato da professora Paula, que trabalha na educação há 4 anos e atualmente está lecionando para o 7.º ano. Em sua fala, ela destaca os desafios na educação no período da pandemia e coloca que o ensino adotado foi o ensino à distância como ressalta a seguir:

Como o fechamento das escolas tanto públicas como federais acarretou no sistema educacional a recorrer aos modelos de ensino a distância, no início foi complicado, já que nós professores e alunos não estávamos preparados para aquela situação, mas no decorrer do tempo as coisas foram se organizando. Os alunos desenvolveram altos níveis de ansiedade, isolamento e baixa exposição para os trabalhos escolares. Hoje podemos olhar para trás e dizer que os problemas que enfrentamos serviu como ensinamento e aprimoramento para profissão. (Entrevista feita com docente dia 01-06-2022).

Nesse contexto, as aulas remotas com seus recursos tecnológicos, tornam-se um importante modelo de comparação e de fornecimento de ferramentas tecnológicas para o processo educativo, ampliando o debate para aulas em EAD.

O ensino remoto não se configura com educação à distância apesar da semelhança entre eles, por utilizarem ferramentas e meios tecnológicos, pois o planejamento e metodologias adotadas e o próprio surgimento dessas modalidades acontecem em contextos e momentos distintos. Aulas remotas apenas por necessidade de suprir aulas presenciais, apesar das inúmeras dificuldades no desafio da utilização dessas tecnologias, trouxeram a chance de transformações de aulas tradicionais, adotando aparatos tecnológicos que permaneceram auxiliando professores, alunos e alunas da educação básica. Assim, foi uma mudança que podemos avaliar os benefícios, positivos e negativos, pois aliando as tecnologias às aulas tradicionais, essas passam a ser mais atrativas aos olhos dos estudantes, promovendo mais qualidade e interesse no processo educativo.

Entretanto, precisa-se que estudantes sejam aptos para a utilização das tecnologias, uma vez que, não somente os professores precisam estar qualificados para a implementação das tecnologias, mas também os estudantes precisam estar conseguindo lidar com os aparelhos tecnológicos.

Na fala da professora Paula, a mesma também ressalta a preocupação com os alunos, segundo ela, os alunos desenvolveram altos níveis de ansiedade. O que preocupa não somente aos professores, mas uma comunidade inteira, pois, essas consequências da pandemia precisam ser acompanhadas pelo sistema governamental. No caso das crianças e adolescentes o cuidado com a saúde mental na volta às aulas deve ser redobrado.

A escola é também um espaço de socialização, é de extrema importância abordar com os professores e pais os aspectos emocionais provocados pela inserção do ensino remoto, pois é extremamente necessário, principalmente no planejamento do retorno as aulas. Dessa forma, é preciso que a equipe pedagógica consiga mapear o comportamento dos seus alunos e propor alternativas que os estimulem a convivência com os outros, pois tendo em vista todo esse período de isolamento pode ter alguns impactos, como insegurança e medo de um futuro até então incerto e até mesmo um isolamento. Entretanto os desafios foram diversos entre eles a utilização das Tics, frente as desigualdades que ficaram em evidencia no período da pandemia.

4.1 O desafio no uso das Tics no Brasil no Período da Pandemia frente às Desigualdades Sociais na Educação

A utilização no uso das Tics foi um dos maiores desafios no período da pandemia, apesar dos últimos anos a tecnologia está mais presente no cotidiano da humanidade, a utilização da mesma pelos os estudantes ressaltou ainda mais a desigualdade social neste processo de aulas remotas, mesmo com a utilização em massa a hipótese desse advento pode se dá pela facilidade que ela proporciona aos seres humanos, resultando no desenvolvimento de uma relação cada vez mais próxima dessas ferramentas, apesar da facilidade a desigualdade social faz com que nem todos os indivíduos disfrute de uma boa tecnologia e qualidade de internet.

Atualmente, o acesso às tecnologias como celulares, tablets e computadores tem alcançado todos os públicos, infantil, juvenil e adultos. É normal presenciar crianças de colo concentradas em frente à tela de um smartphone – isso porque seus pais, com objetivo de distraí-las, colocam em suas mãos celulares com vídeos e desenhos infantis. Há uma crítica a respeito da inserção dessas tecnologias, pela interferência nas sociabilidades cotidianas das famílias, com adultos não escutando mais seus filhos que estão ao seu lado porque estão falando com outro alguém no aparelho celular. São elementos presentes na rotina contemporânea, dando origem ao que chamamos de revolução tecnológica. Essa revolução tecnológica gira em torno da tecnologia da informação desde o final do século XX”, como aponta (CASTELLS, 1999, p. 67), e vem acarretando desafios. De acordo com Ángel Pérez Gómez (2014, p. 28): “Este novo cenário social também exige mudanças substanciais na formação de futuros cidadãos e, portanto, apresenta desafios inevitáveis para os sistemas educacionais, as escolas, o currículo, os processos de ensino e aprendizagem e, claro, para os professores”.

Com a intensificação das tecnologias no dia a dia das pessoas, também teve alteração relacionadas às práticas pedagógicas, afinal, o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) na educação brasileira também esteve cada vez mais presentes nas salas de aulas, resultando em mudanças significativas. Porém, em cidades como São Bernardo/MA, que possui um IDHM baixo, esses avanços ainda são mínimos, pois é ínfimo o número de educandos e educandas que têm acesso à internet. Para funcionar de fato esse modelo de ensino, devido à falta de infraestrutura educacional e de democratização do acesso da internet – impactando diretamente os níveis de desigualdade socioeconômica – é preciso investir na democratização a rede mundial de computadores embora já tenha um avanço significativo a internet não chega a todos os lugares do município de São Bernardo.

Apesar da forte onda tecnológica no âmbito familiar, ainda sim no âmbito escolar, existe uma grande defasagem em relação a utilização das TICs. No ensino aprendizagem, os motivos são diversos, muita das vezes existe a falta de interesse de alguns professores em adotar a utilização das tecnologias como suporte, como também dos representantes governamentais em enviar os equipamentos necessários para as escolas, o que ocasiona ainda mais o desânimo dos profissionais da educação. Através de relatos dos docentes, a falta de capacitação que os mesmos não tiveram no momento de iniciar as aulas, no período da pandemia, representou também um grande obstáculo. Esses fatos destacam a falta de planejamento das ações de enfrentamento às questões postas neste cenário de crise.

Portanto, no ano de 2020, devido a pandemia, surge a necessidade de aceleração na inclusão das TICs na educação, visto que a inclusão das tecnologias no âmbito escolar ainda é um processo que deve ser colocado com auxílio na preparação de aulas com maior qualidade.

A pandemia trouxe o uso das tecnologias para outra dimensão, professores e alunos precisaram adaptar-se ao uso intenso de novas tecnologias, por isso, a necessidade de capacitação e infraestrutura para os profissionais da educação, e de políticas públicas voltadas para o acesso à internet dos estudantes.

No âmbito da educação básica, da cidade de São Bernardo/MA, foram tomadas algumas medidas logo no início da pandemia, seguindo o fechamento das escolas. Através da elaboração de decretos, tanto estaduais como municipais, com as seguintes medidas, o primeiro decreto municipal fechou o comércio considerado não essencial e as escolas, seguindo as recomendações da OMS e os decretos do Estado que fecharam o comércio e vários estabelecimentos considerados não essenciais e o uso de máscara para tentar conter a proliferação da Covid-19. Sobre as escolas, as primeiras medidas tomadas de acordo com Decreto Municipal de N° 98, de 05 de maio de 2020, seriam: “art. 2° ficam prorrogadas a antecipação de férias do período letivo de 2020 na rede Pública Municipal de Ensino, por 15 dias no período que vai de 06/05/2020 a 20/05/2020”. Neste período, o município entrou em quarentena e foram sendo tomadas várias medidas de acordo com os decretos que foram prorrogando se.

Passado o período de férias, as escolas tiveram que se planejar para as aulas, adotando nesse momento, o modelo remoto. Contudo, trouxe outras questões além da falta de conectividade entre professores e alunos, como também a dificuldade de retorno das atividades enviadas para as residências.

A questão não é apenas a falta de acesso à internet, mas é a principal dificuldade em frente as desigualdades encontradas, neste âmbito da educação no período da pandemia. Pois a nova realidade também exige a participação da família em cooperar com estudantes e ajudá-los com possíveis distrações, uma vez que, o ambiente de casa é mais propício a distrações do que em sala de aula e a agilidade do poder público.

Nessa perspectiva, podemos destacar a urgência de políticas públicas educacionais voltadas ao acesso à internet a todos que necessitam no âmbito escolar, como é o caso dos estudantes, que tanto foram prejudicados com a falta de acesso à internet desde o início da pandemia, entretanto a desigualdade acaba por afetar esses estudantes, pois muitos não possuem rede de Wi-Fi e acaba por utilizar apenas dados móveis que acaba por prejudicar no acesso as aulas online.

Diante de relatos de docentes e discentes da rede pública de São Bernardo-MA, colhidos nessa pesquisa, uma das principais falas de professores sobre os desafios do uso das TICs, foi a falta de capacitação na utilização dessas tecnologias, ressaltado por uma das minhas entrevistadas como um choque, inicialmente, sendo que a mesma não possuía domínios tecnológicos, mas teve que aprender praticamente do zero para poder atender às necessidades dos alunos. Como ressalta o seguinte relato da professora Francisca que atua na rede pública há 25 anos e atualmente está nas séries iniciais 3^a ano.

Os desafios foram muitos, mas aos poucos fui me aperfeiçoando às tecnologias digitais, porque na verdade eu não tinha muito domínio. Então, no primeiro momento foi um choque para mim e acredito que para muitos professores. Mas, como tudo que é novo é desafiador, eu corri atrás buscando aprender de qualquer forma, para que eu pudesse dar minhas aulas. Consegui dar minhas aulas on-line pelo Meet, com vídeo chamada, gravando vídeo-aula e hoje posso dizer que, graças a Deus e a minha persistência, deu certo. (Entrevista realizada com docente na residência de familiares no dia 05/07/2021.

De acordo com a BNCC¹⁷, que “trata-se”¹⁸ de um documento normativo previsto na legislação cujo objetivo é definir o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo de toda a educação básica”, essa questão da utilização dos meios digitais contempla umas das competências da educação básica prevista na Base Nacional Comum Curricular¹⁹ para a transformação na educação, que é:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir

¹⁸ <https://legado.educacaoeparticipacao.org.br/tematica/como-articular-bncc-curriculo-educacao-integral>
Acessado em 03/05/2021.

¹⁹ http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf acessado em 06/12/2021

conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018, p. 9).

Na BNCC, já se encontra a contemplação dos meios digitais, em favorecimento do uso das mesmas na educação, só que na realidade os meios digitais ainda estão distantes do cotidiano de muitos indivíduos principalmente no período da pandemia. Neste contexto das aulas remotas que ocorreu enquanto durou a pandemia, podemos analisar como as novas tecnologias são fundamentais como auxílio no processo educativo, no momento da pandemia foi fundamental tornando se elemento principal nas aulas online, podemos perceber como de fato contribui para determinados estudantes, e ao mesmo tempo prejudicou outros, pois nos colocou frente às desigualdades sociais existentes entre os alunos.

O tema em questão levanta ainda outra discussão, qual seja: os efeitos do vírus, relacionados à exclusão escolar. Segundo relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), “Cenário da exclusão escolar no Brasil”, em questão apresentados dados sobre à exclusão escolar:

A exclusão escolar afetava principalmente quem já vivia em situação mais vulnerável. A maioria fora da escola era composta por pretas (os), pardos (a) e indígenas. Proporcionalmente, a exclusão afetava mais as regiões Norte e Centro-Oeste. E, de cada 10 crianças e adolescentes fora da escola, 6 viviam em famílias com renda familiar per capita de até ½ salário mínimo. A desigualdade social presente em nossa sociedade se reproduzia ao olhar para a exclusão escolar. (UNICEF, 2021, p. 05)

As dificuldades enfrentadas, que já faziam parte do ambiente escolar, ficaram ainda mais destacadas. O isolamento social fez com que as pessoas ficassem ainda mais presas a determinados lugares, em consequência, restringindo o acesso a determinados capitais culturais. De acordo com Bourdieu, esse capital cultural pode existir de três formas:

O capital cultural pode existir sob três formas no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais- quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemas, etc.; enfim, no estado institucionalizado, formas de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2015, p. 82).

A restrição ao capital cultural determina uma série de danos ao conhecimento, sendo que o acesso a determinado capital cultural, segundo Bourdieu, determinará o sucesso escolar ou até mesmo o fracasso, e a pandemia dificultou o acesso a determinados conhecimentos, sendo que os educandos ficaram restritos aos seus locais de origem, como aparece no relatório:

As desigualdades de acesso a bens sociais, culturais e econômicos entre as áreas urbanas e rurais são bastante conhecidas, e a escola, muitas vezes, o único lugar de

convívio e socialização fora da família. A manutenção dessas desigualdades pode representar impactos importantes na vida de cada uma das crianças e das (os) adolescentes, de suas comunidades e de toda a sociedade. (UNICEF, 2021, p. 20)

De acordo com os dados de 2019, segundo UNICEF, havia uma quantidade de estudantes matriculados, mas que nem sempre permaneciam:

Ainda cabe destacar que, em 2019, o Censo Escolar contabilizou 7.450.693 matrículas de adolescentes de 15 a 17 anos na Educação Básica. Desse total, 1.580.290 ainda estavam matriculadas (os) no Ensino Fundamental, o que corresponde a 21,2% do total das matrículas. A defasagem idade-série é um fator de desestímulo à permanência dessa parcela da população na escola. (UNICEF, 2021, p. 20)

Perante essa realidade, surge uma maior preocupação com a demanda dos estudantes que deveriam estar matriculados, pois os desafios relacionados ao período pandêmico, segundo o professor João, dificultaram o combate à evasão escolar.

O novo modelo de ensino emergencial causou desânimo e falta de interesse em muitos alunos, principalmente aqueles que não conseguiram assistir aulas *on-line*, que são os alunos mais afetados pela desigualdade social, ou seja, das classes populares. Essa nova forma de ensino provocada pela pandemia, exigiu dos alunos, que para se ter um bom aproveitamento em aulas, alunos e professores teriam que estar conectados a uma rede de internet e equipamentos adequados, mas que para muitos não foi possível devido as desigualdades socioeconômicas, principalmente entre os educandos da zona rural, onde as dificuldades para se ter uma boa internet são ainda mais difíceis.

De acordo com o atual momento, as classes menos favorecidas são as mais prejudicadas no sistema escolar, o que mudaria se realmente o Estado tivesse uma preocupação maior com alunos de famílias das classes populares, dando maior importância a educação, ou seja, um suporte maior aos profissionais para que ao chegar em um momento de emergência, como durante a pandemia, os profissionais da educação estivessem preparados para essas mudanças – que foram impostas pelas circunstâncias. Com o uso das tecnologias, mesmo que não sejam professores especializados em EaD, as tecnologias são sempre bem-vindas, auxiliando os professores em suas atividades pedagógicas. Como menciona Nara Pimentel (2017, p. 28):

A despeito da importância de algumas iniciativas, alguns pontos de estrangulamento são visíveis, sendo mais frequentes a falta de uma política de educação com o uso das TICs, a descontinuidade dos programas e projetos de governos; e a falta de indução de políticas para a formação de profissionais para atuarem com TICs na educação e o financiamento adequado. (PIMENTEL, 2017, p. 28).

Deste modo, a utilização das tecnologias e o acesso à internet deveriam ser ofertados como básico a todos os estudantes e professores pelo poder público, dado sua atual

importância nesse sentido seriam menos prejudicados nesse período de calamidade pública. Percebe-se que a falta de comprometimento do poder público no uso das novas tecnologias colabora com as dinâmicas de reprodução de desigualdade social nas escolas. Embora se permita, utilizá-la falta investimento e formação e, no momento desse período da pandemia nunca foi tão necessário a formação de profissionais qualificados, na utilização das novas tecnologias. Contudo, podemos dizer que foi e continua sendo uma das principais dificuldades no ensino durante a pandemia. Os professores mencionaram em suas falas que não tinham muita intimidade com as tecnologias. Em um relato, a professora Rosa ressalta que não são *Youtubers* e que “tiveram que se virar” na edição de vídeos e elaboração de materiais para suprir as aulas presenciais e tentar suprir as necessidades dos alunos.

Para alguns educadores que já estavam acostumados com um modelo pedagógico, utilizando apenas o livro didático e alguns recursos, mas que não utilizavam as tecnologias como complemento, se encontraram em um momento de aprendizagem. Os desafios dos professores foram diversos, principalmente porque nem todos os alunos possuíam mecanismos necessários, para assistir às aulas on-line, e tiveram que inovar métodos de ensino para tentar contemplar um maior número de estudantes possíveis. Diante disso, algumas escolas, como a Escola Municipal José de Faria e Escola Municipal Maria do Rosário, entre outras, criaram a seguinte metodologia: a criação de atividades, que seriam enviadas para os estudantes em suas residências para que os mesmos respondessem em casa, e depois retornassem. Até no processo de envio das atividades a tecnologia foi necessária, visto que mediou o contato entre professores, pais e estudantes – deixando claro que as mesmas foram os principais instrumentos e recursos nesse período de pandemia, isto é, protagonistas da educação.

As Escolas Municipais passaram por um longo período no formato remoto e só retornaram no mês de agosto de 2021 por meio de um novo formato que consistia em trazer grupos de alunos até a escola. Os chamados plantões pedagógicos, ou seja, os professores recebendo alunos para fazer atividades só que numa quantidade menor de estudantes com aulas presenciais em alguns dias da semana, porém, o retorno se deu sem respeitar todas as medidas sanitárias recomendadas pelo governo do estado diante da falta de estruturas das escolas. No entanto, ficou evidente a escassez de políticas públicas no sistema educacional para a difusão das tecnologias nas estruturas educacionais para auxiliar professores e alunos no período da pandemia.

4.2 O Desafio Da Evolução Tecnológica Na Educação No Brasil

O Brasil vem tendo avanços tecnológicos na educação desde a revolução industrial brasileira. No final do século XX, vivemos um momento chamado de intervalo da história cuja característica foi a transformação da “cultura material” por outros mecanismos tecnológicos que organizasse em torno da tecnologia da informação (CASTELLS, p. 67) que serviram na produção do conhecimento. Somente nas três últimas décadas do século XX, que aconteceu a criação da internet, com isso, amplia-se um mundo de possibilidades. As transformações com as novas tecnologias mudaram o modo de relações das pessoas, pois trouxe outras possibilidades de interação, mas a desigualdade social se torna obstáculos no uso dessas novas tecnologias, e mesmo já no século XXI, esse ainda é um dos grandes problemas, pois vivemos num país totalmente desigual o que dificulta o acesso de todos às novas tecnologias, ocasionando consequências na aprendizagem.

Diante dos fatos, percebe-se que a necessidade da democratização de acesso à internet e a educação tecnológica favorecem ainda uma determinada classe de indivíduos, pois os avanços ainda são escassos e nesse caso as tecnologias são aliadas no desenvolvimento de uma educação mais expressiva e mais qualificada. Assim, é urgente e necessário o acesso por todos.

No entanto, se tem a necessidade de professores se adequarem às inovações tecnológicas, usando da melhor forma, pois elas estão alterando as dinâmicas no processo de ensino e aprendizagem servindo como complemento necessário.

O uso do celular, tablets, computadores estão cada vez mais frequentes na área da educação. Essas ferramentas, ao serem utilizadas de maneira correta, terão grande sucesso. É certo que as tecnologias não substituem os professores, apenas servem como suporte adicional, uma vez que, é importante e necessário nos habituar a elas para conduzirmos os alunos de maneira adequada e competente na sua aprendizagem.

A utilização de tecnologias em sala de aulas decerto tem seus benefícios, pois as tecnologias na educação podem incentivar a criatividade dos educandos, com aulas mais interessantes, interativas, dinâmicas e produtivas, caso sejam bem utilizadas. Neste caso, é preciso e necessário aos professores cada vez mais qualificação, por isso a necessidade de acompanhamento com as tecnologias e formações que contemple essa nova realidade. Segundo dados de pesquisa realizada pelo IBGE:

Entre os principais motivos para alunos da rede pública não possuírem internet em casa estão o custo do serviço, falta de conhecimento sobre como usar e indisponibilidade do produto. “Considerando a rede de ensino, vimos algumas

diferenças importantes. Enquanto os estudantes da rede privada, 98,4% utilizaram internet, entre os estudantes da rede pública o percentual era menor, 83,7%”, avalia a analista da Pnad Contínua TIC do IBGE, Alessandra Brito. (IBGE, 2021).

De fato, as tecnologias auxiliam no trabalho do professor como recurso, o problema maior em meio a pandemia é a formação desses professores, que muitas vezes não contempla a utilização de meios tecnológicos. E na pandemia tiveram que utilizar várias ferramentas em decorrência da impossibilidade de aulas presenciais, o que acarretou num desgaste maior entre os profissionais, pois a falta de infraestrutura foi um dos fatores mais relevante neste período. As carências em utilizar os meios tecnológicos nas formações acabam por comprometer a dinâmica na utilização desses meios tecnológicos, em um dos meus estágios em uma escola da sede fui convidada a participar de uma formação que ocorria neste período, pouco antes da pandemia, pode perceber que as capacitações ou seja, as formações que eram dadas a área da educação não contemplavam os meios tecnológicos que são tão necessários, não somente pelo fato da utilização das mesmas no período da pandemia sendo uma das melhores opções, mais sim porque pode auxiliar o professor a construir uma aula mais dinâmica e proveitosa junto a seus alunos em diversas ocasiões, não só no período da pandemia.

5 OS DESAFIOS ENCONTRADOS POR PROFESSORES E ALUNOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 NO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO

Nesta sessão, serão apresentadas as discussões sobre o processo da coleta de dados desta pesquisa realizada entre maio de 2021 e janeiro de 2022. Para a obtenção das informações, contei com o apoio de professores e gestores escolares que me auxiliaram no envio dos questionários para as famílias e estudantes. O meu primeiro contato com a escola da zona urbana ocorreu no dia 1^a de maio de 2021. Quando falei com a diretora Mariana, expliquei sobre a pesquisa e repassei todas as informações, perguntando se seria possível realizar a pesquisa na instituição de ensino. Aproveitei esse primeiro contato para saber como estavam sendo desenvolvidas as atividades até aquele momento. A diretora me informou que, devido ao atual momento, de pandemia não seria possível fazer essa pesquisa com mais de uma turma, pois estava com muitas atividades. Quanto aos questionários dos professores, eu poderia deixar na escola que eles iriam responder. Já quanto ao questionário dos alunos, a diretora me encaminhou para falar com o professor da turma selecionada por ela, nesta escola que foi a 5^o ano.

O primeiro contato ocorreu no dia 16 de julho com o professor Paulo, pedagogo que trabalha na área da educação há 18 anos, e atualmente está lecionando ao 5^o ano. Ele me deu total suporte na aplicação desses questionários. Nós conversamos sobre esse processo de coleta de dados dessa pesquisa, no qual informei que precisaria aplicar um questionário entre os estudantes e o mesmo se prontificou a me ajudar na coleta de dados da pesquisa, e também respondeu prontamente o questionário direcionado aos professores, me passando algumas informações e relatos de todo o processo do ensino remoto e os desafios encontrados durante a pandemia. Também recebi contribuição de mais três professores dessa escola da zona urbana no qual foram de inteira relevância para essa pesquisa.

Neste contexto, a segunda escola que aplicamos essa pesquisa está localizada na zona rural de São Bernardo ao qual chamaremos de Escola Municipal José de Farias. Nessa escola, meu primeiro contato foi dia 25 de junho de 2021, com a diretora Isabel²⁰, em que expliquei sobre a pesquisa e a mesma se pontificou em me ajudar neste processo de coleta de dados. A diretora conversou com os professores, explicou sobre a pesquisa e enviou junto as atividades dos estudantes os questionários para 5^o ano e 7^o ano, no entanto houve uma demora no retorno devido ao recesso, ao qual só poderia receber em julho e assim fiquei aguardando. Porém tive muito apoio dos professores dessa escola onde vários deles se prontificaram a responder o

²⁰ Vale ressaltar que os nomes de Gestores e Professores assim como das Escolas são todos fictícios.

questionário direcionado a eles, totalizando oito professores que contribuíram dessa escola com essa pesquisa, respondendo o questionário impresso e também no *google forms*, trocando informações através de WhatsApp.

Essa pesquisa procurou entender como estava sendo os desafios das aulas emergenciais no período de pandemia, quais foram os aplicativos utilizados pelos professores, se realmente o professor conseguiu chegar na casa dos estudantes e se realmente os alunos obtiveram um desenvolvimento satisfatório. Além disso, fizemos um levantamento de como eram feitas as avaliações desses estudantes.

Diante do atual cenário em que nos encontramos, surgiram diversos desafios, enfrentados a cada dia. Professores, gestores e alunos precisaram lidar com as mudanças bruscas e se adaptar ao novo modelo de ensino emergencial, pois muitos professores tiveram que aprender como ministrar aulas nas novas plataformas de ensino, assim como se familiarizar com as tecnologias como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, buscando aplicativos e planejando como seriam essas aulas, nesse novo ambiente.

Portanto, para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem sem aulas presenciais foi e continua difícil para todos os professores e estudantes, mesmo no caso daqueles que já tinham certa familiaridade com algumas plataformas digitais, esse novo modelo de ensino foi e continua sendo desafiador. Enfim, professores se tornaram alunos para aprender e utilizar os recursos tecnológicos para conseguir dar aulas remotas e on-line, tendo como maior desafio a falta de conectividade dos estudantes da zona rural, sendo esses os mais afetados por consequência da falta de aparatos tecnológicos e ausência de sinal de internet que possibilitasse assistir as aulas on-line.

Mesmo com esse novo modelo de ensino remoto, professores e educandos sofreram com a falta do contato, com a falta de não ter como fazer uma avaliação concreta dos estudantes. Ao ser indagado sobre as dificuldades relacionadas ao modelo remoto, o professor José disse que inicialmente não se sabe se eram seus estudantes que, de fato, faziam as atividades, além de destacar a dificuldade em mensurar a aprendizagem deles.

No ano de 2020 e 2021, ao enviarem as atividades para os alunos, os professores não tinham como ter total controle se realmente era o aluno que estava fazendo suas atividades, e principalmente se o aluno estava aprendendo e se desenvolvendo como nas aulas presenciais, ficando difícil um diagnóstico preciso. Evidenciando as dificuldades avaliativas desse período atípico e contundentes. Durante o período pandêmico e dos fatos já elencados, os

questionários direcionados aos estudantes procuraram mensurar como estava todo esse processo de ensino na visão deles – diretamente afetados pelo contexto.

Assim, direcionamos as seguintes questões aos estudantes: Como avaliavam o ensino remoto durante a pandemia? Quais dispositivos usavam para assistir as aulas? Quanto tempo demora essas aulas on-line? Como eles avaliavam a aprendizagem neste modelo de ensino? A escola fornecia recursos necessários para a aprendizagem? Como eles avaliam seus professores? Quantos alunos estão presentes nas aulas? Quais aplicativos utilizados para acessar as aulas? Se o ensino remoto tem sido estressante? Qual a maior dificuldade encontrada durante o ensino remoto na pandemia? Como estava sendo o processo de ensino e aprendizagem no período da pandemia? Essas perguntas foram direcionadas tanto para os estudantes da zona urbana quanto da zona rural, para apresentarmos uma noção dessas duas realidades. Neste sentido, também aplicamos questionários a professores que conheciam as duas realidades, tanto da zona rural e urbana para trazer uma maior noção dos desafios no ensino durante a pandemia.

Entrevistamos professores e alunos de duas escolas da rede pública de São Bernardo. A pesquisa parte de uma escola na zona rural e outra da zona urbana. Escola²¹ Municipal José de Faria, localizada na zona rural e Escola Municipal Maria do Rosário, localizada na sede da cidade de São Bernardo/MA. Foram Entrevistados 12 professores e 37 alunos para melhor compreender como eles estavam lidando com os desafios postos pela pandemia, assim como estender o processo avaliativo, se o contexto afetou o rendimento dos alunos; se os materiais estão efetivamente chegando na casa de cada um dos estudantes, ou seja, quais são os desafios encontrados por professores e estudantes.

A realização da pesquisa se deu por meio dos aplicativos *Google forms*²², a rede social *WhatsApp*, e elaboração de questionários enviados junto com o caderno de atividades do ensino remoto que os professores deixavam na escola para os pais buscarem. Além disso, entrevistas semiestruturadas, seguindo todo protocolo de segurança exigido pela OMS, na

²¹ Os nomes das Escolas desta pesquisa, assim como os nomes dos participantes, são todos fictícios, com o objetivo de garantir o anonimato e que ninguém seja exposto, uma vez que apenas os dados aqui informados são importantes para análise desenvolvida neste trabalho.

²² O Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários on-line. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. A ferramenta é ideal para quem precisa solicitar feedback sobre algo, organizar inscrições para eventos, convites ou pedir avaliações.

Informações retirada do site <https://ceduc.unifei.edu.br/tutoriais/google-forms-ferramentas-das-perguntas-e-criar-nova-secao/> dia 08/06/2022.

coleta de dados das escolas de São Bernardo, através de aplicação de questionários. Vejamos a tabela dos docentes entrevistados logo abaixo em que são divididos por escola:

Tabela:1 Professores entrevistados da zona urbana.

Escola Municipal Maria do Rosário				
Nome	Gênero	Raça/etnia	Formação	Idade
Rosa	Feminino	Pardo	Letras	35 a 40
Luzia	Feminino	Pardo	Pedagogia	40 a 45
Joana	Feminino	Pardo	Licenciatura em pedagogia	40 a 45
Paulo	Masculino	Pardo	Pedagogia e Especialista em Gestão	Acima de 50

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022)

Tabela 2: Professores entrevistados da zona rural.

Escola Municipal José de Farias				
Nome	Gênero	Raça/etnia	Formação	Idade
João	Masculino	Pardo	Licenciatura em Ciências Biológicas	31 a 35
Mario	Masculino	Pardo	Pedagogia e Linguagens e códigos	31 a 35
José	Masculino	Pardo	Letras inglês	31 a 35
Jonatas	Masculino	Pardo	Letras Português	31 a 35
Marcos	Masculino	Negro	Licenciatura em Matemática	21 a 25
Francisca	Feminino	Pardo	Ciências Humanas	45 a 50
Maria	Feminino	Pardo	Licenciatura em Educação Física	26 a 30
Paula	Feminina	Pardo	Licenciatura em linguagens e códigos	26 a 30

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022)

Procuramos entender e saber como estaria o andamento dessas aulas e quais os maiores desafios encontrados pelos alunos neste período pandêmico através de relatos e questionários respondidos por eles. Durante a pesquisa, foram entrevistados alunos de duas escolas da rede pública de São Bernardo, ao todo foram 37 alunos participantes da pesquisa.

Desses alunos que fizeram parte da pesquisa, 10 moram na zona urbana e 27 moram na zona rural, 20 são do gênero feminino e 17 do gênero masculino. A pesquisa procurou

analisar quais os maiores desafios durante a pandemia e entender como foi esse processo de aulas remotas.

A seguir as tabelas relacionadas aos alunos que fizeram parte dessa pesquisa distribuídos por escolas e gênero das duas escolas trabalhadas

Tabela 3: Alunos participantes da pesquisa da zona urbana.

Escola Municipal Maria do Rosário				
Alunos	Gênero	Raça/Etnia	Idade	Série/Ano
1	Feminino	Negra	10 anos	5° ano
1	Feminino	Parda	10 anos	5° ano
1	Feminino	Parda	10 anos	5° ano
1	Feminino	Parda	10 anos	5° ano
1	Feminino	Branca	10 anos	5° ano

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022).

Tabela 4: Alunos participantes da pesquisa da zona urbana.

Escola Municipal Maria do Rosário				
Alunos	Gênero	Raça/Etnia	Idade	Série/Ano
1	Masculino	Negra	11 anos	5° ano
1	Masculino	Negra	11 anos	5° ano
1	Masculino	Negra	11 anos	5° ano
1	Masculino	Branca	11 anos	5° ano
1	Masculino	Parda	11 anos	5° ano

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022).

Na escola municipal Maria do Rosário, localizada na área urbana a pesquisa foi aplicada numa turma de aproximadamente 20 estudantes, mas só obtivemos resultados de 10 alunos que responderam o questionário e devolveram, como mostra a tabela 3 e 4 distribuída

de acordo com o gênero, em que mostra que apenas 50% dos alunos entregaram os questionários.

Tabela 5: Alunos participantes da pesquisa da zona rural.

Escola José de Farias				
Alunos	Gênero	Raça/Etnia	Idade	Série/Ano
1	Masculino	Negra	10 anos	5º ano
1	Masculino	Branco	11 anos	5º ano
1	Masculino	Pardo	10 anos	5º ano
1	Masculino	Pardo	12 anos	7º ano
1	Masculino	Pardo	12 anos	7º ano
1	Masculino	Pardo	12 anos	7º ano
1	Masculino	Pardo	15 anos	7º ano
1	Masculino	Pardo	13 anos	7º ano
1	Masculino	Branco	12 anos	7º ano
1	Masculino	Negra	13 anos	7º ano
1	Masculino	Negra	12 anos	7º ano
1	Masculino	Negra	12 anos	7º ano

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022).

Tabela 6: Alunos participantes da pesquisa da zona rural.

Escola José de Farias				
Alunos	Gênero	Raça/Etnia	Idade	Serie/Ano
1	Feminino	Parda	10 anos	5º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	5º ano
1	Feminino	Parda	10 anos	5º ano
1	Feminino	Parda	11 anos	5º ano
1	Feminino	Negra	12anos	5º ano
1	Feminino	Parda	13 anos	7º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	7º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	7º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	7º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	7º ano
1	Feminino	Parda	12 anos	7º ano
1	Feminino	Pardo	13 anos	7º ano
1	Feminino	Pardo	12 anos	7º ano
1	Feminino	Pardo	12 anos	7º ano
1	Feminino	Pardo	16 anos	7º ano

Fonte: elaborada pela a autora a partir dos dados coletados (2022).

A seguir, um pouco sobre a experiência dos professores durante a pandemia e como têm sido enfrentar esse momento complicado na atual conjuntura da educação. Em suas falas,

eles apontam ainda; quais medidas o poder público (federal, estadual e municipal) vem tomando para diminuir os danos causados pela pandemia.

Neste aspecto, a professora Francisca, formada em Letras e que trabalha há 15 anos na educação, atualmente ministrando aula no 2º ano, relatou os inúmeros desafios na educação durante a pandemia, sendo um dos principais a falta de planejamento, como aponta o trecho a seguir:

A pandemia do Coronavírus pegou o mundo de surpresa e adaptar-se à essa nova realidade não foi fácil, principalmente quando falamos em educação. Os desafios durante a quarentena têm sido incontáveis, pois sabemos que a educação enfrenta inúmeros obstáculos, isso mesmo antes da pandemia. Portanto, não era de estranhar que ao fecharmos todas as escolas houvesse um grande impacto. Mas um dos principais desafios enfrentados foi a falta de planejamento. (Entrevista realizada com docente no dia 06/12/2021, através do WhatsApp.)

Como destaca a professora, não houve nenhum tipo de planejamento para o retorno às aulas logo no início da pandemia, quando se teve a antecipação das férias de junho no ano de 2020, em São Bernardo/MA. Segundo professores da rede pública, as aulas remotas foram iniciadas em maio de 2020, seguindo as orientações da OMS e os decretos tanto municipais como estaduais. Nesse momento, as aulas ocorrerem por meio de alguns aplicativos ou apenas com a utilização do *WhatsApp*²³ para criação de grupos e tirar dúvidas, a professora Francisca relata que:

Não houve nenhum tipo de planejamento para o ensino que está sendo empregado atualmente, até porque ninguém imaginaria que passaríamos por isso tanto tempo. Adaptar-se à essa nova realidade não tem sido nada fácil. Dessa forma, muitas escolas passaram a utilizar ferramentas digitais como Zoom, Skype e Google Meet, sendo que muitos professores não tiveram contato prévio com elas. Tivemos que aprender, e no meio disso tudo, compreender a melhor maneira de transmitir conteúdo e manter a atenção dos alunos. (Entrevista realizada através do WhatsApp em 06/12/2021)

Quanto ao uso das ferramentas tecnológicas durante a pandemia, questionamos aos professores quais plataformas foram utilizadas para as aulas remotas e *on-line*. Eles responderam que utilizaram mais de uma plataforma, com destaque para o *Google Meet*, *WhatsApp* e *Zoom*²⁴, como menciona o professor João:

Para mensagens instantâneas, usamos o aplicativo WhatsApp, e para reuniões ou aulas on-line usamos o Google Meet ou Zoom, algumas vezes foram usados vídeos

²³ O WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones Android, iOS, Windows Phone, Nokia e computadores Mac e Windows. O programa tem mais de 1,5 bilhão de usuários ativos mensais espalhados por mais de 180 países. <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/> acesso em 30/06/2022.

²⁴ O Zoom Meetings ou Zoom Reuniões em português é um aplicativo que permite realizar reuniões virtuais de maneira muito simples, tanto pelo celular quanto pelo computador. <https://edu.gcfglobal.org/pt/conhecendo-zoom/o-que-e-e-para-que-serve-o-zoom/1/aceso> em 30/06/2022.

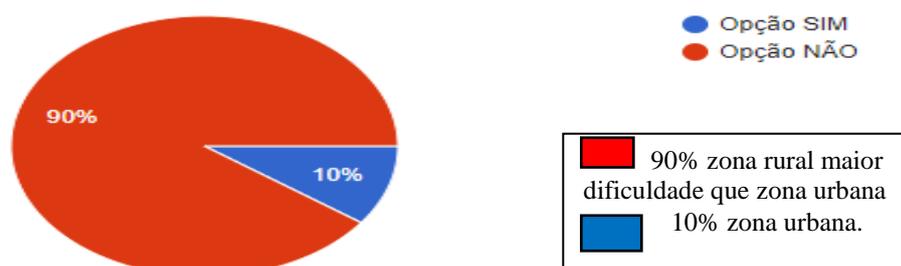
gravados e postados no canal do Youtube. As maiores dificuldades foram justamente o processo de adaptação a essas tecnologias na utilização de aulas on-line e manter os alunos nas aulas. (Entrevista ao docente dia 08/11/ 2021, através do WhatsApp)

Os desafios foram muitos, desde a adaptação ao uso das tecnologias, como também fazer com que os alunos permanecessem em sala virtual, pois além das dificuldades de acesso à internet, também havia as distrações em seus espaços – que é totalmente diferente da sala de aula presencial, sendo que os mesmos não são adaptados à falta de recursos tecnológicos, e isso por parte dos alunos foi um dos maiores problemas, como destacado no relato da professora Maria, que trabalha na educação há 7 anos:

O processo de ensino foi desafiador, principalmente pela falta recursos tecnológicos dos alunos, o que dificultou as aulas com o recurso *google meet*. As aulas foram realizadas no aplicativo WhatsApp e com apostilhas mensais com o conteúdo bimestral. O processo de avaliação ocorreu com entrega do caderno de atividades e presença nas aulas on-line (Relato escrito colhido na escola dia 25/06/2022).

Durante a minha pesquisa, busquei analisar quais as dificuldades desses dois públicos, alunos da zona rural e urbana, e se os mesmos possuíam as mesmas dificuldades. Além disso, foi questionado aos professores se alunos da zona rural tiveram as mesmas dificuldades durante o ensino remoto e a maioria respondeu que os estudantes da zona rural estavam passando pelas mesmas dificuldades, no entanto, para a zona rural as dificuldades se agravavam devido à falta de internet ou internet de péssima qualidade e a falta de aparelhos tecnológicos que também foi um dos problemas encontrados de modo geral – tudo isso devido s dificuldades socioeconômicas que impedem a aquisição de aparelhos eletrônicos. No entanto, apesar de alguns docentes afirmarem que não existia diferenças quanto as dificuldades, o gráfico a seguir mostra que a maioria dos professores respondeu que estudantes da zona rural estavam tendo maiores dificuldades.

Gráfico 1: As dificuldades encontradas são as mesmas para todos os alunos, tanto da zona rural como da zona urbana? No Gráfico 1, os professores responderam que para os alunos da zona rural as dificuldades encontradas são maiores, correspondendo a 90% das respostas em relação as da zona urbana.



5.1 Desafios da Educação para os estudantes da região rural em meio a pandemia

Os professores, ao serem questionados sobre os desafios enfrentados pelos estudantes da região rural durante a pandemia, destacaram que os mesmos já passavam por inúmeras dificuldades em o sistema educacional nessas localidades, pela falta de infraestrutura das escolas não serem as mesmas que as da sede. A maioria deles vive uma realidade diferente de alunos da zona urbana, realidade essa que muitas vezes limita o deslocamento desses estudantes para outros ambientes, estradas ruins são um dos maiores problemas impossibilitando o contato com capitais culturais concentrados em regiões centrais do estado e país. Pois de fato ao deslocarmos para outras localidades e cidades, conseguimos e adquirimos determinados conhecimentos.

A escola da zona rural que realizei a pesquisa atende alunos de vários povoados próximos, cada um com suas realidades, o que dificulta ainda mais na distribuição e aplicação das atividades. Dentre as dificuldades desses alunos, está a falta de uma boa internet ou a inexistência dela, fato que inviabiliza o trabalho do professor, visto que as aulas remotas foram mediadas pelo uso da rede mundial de computadores e por aplicativos acessados por ela. Alguns professores optaram por ministrar aulas no *Google Meet e Zoom*, todavia, com as dificuldades existentes, nem todos conseguiam ter acesso as aulas por falta de acesso à internet. Como já destacamos, nem todos os estudantes possuem os equipamentos tecnológicos necessários para assistir às aulas on-line. Em um dos relatos da professora Luzia, ela destacou que as dificuldades foram diversas, apontando que:

As dificuldade no início da pandemia foram maiores, e diversas, uma delas foi na elaboração de atividades pois ainda não tinha sido feito um diagnóstico dos alunos, dificuldade em conhecer os aplicativos para usar na edição de vídeo e quando encontrava ainda tinha a questão técnica de ter que aprender a manuseá-los e a questão de atividades dos livros didáticos, pois tinha atividades que não era propostas para sala de aula, e na questão da avaliação ficou difícil, pois não, se sabe realmente se foram esses alunos que fizeram suas atividades, pois não se tinha esse controle. Apesar de criar grupos de WhatsApp, muitos alunos não faziam as atividades, pois era pedido para colocar as atividades no grupo, o que muitas vezes não ocorria. (Entrevistas com Docente dia 07/12/2021, através do WhatsApp)

Apesar das inúmeras dificuldades elencadas pela professora Luzia, a mesma sublinha que no ano 2021 as aulas foram mais tranquilas e proveitosas que no ano anterior, já que os alunos conseguiam ter certa noção e tinham acumulado experiências do ano anterior.

As falas dos professores apontam que as escolas em geral, situadas na sede de São Bernardo ou que fazem parte desse município encontram e enfrentam problemas semelhantes, só que as desigualdades de alunos oriundos da zona rural ficaram mais evidentes neste

contexto de pandemia, uma vez que, as condições destas escolas são mais precárias e a vida desses estudantes são conduzidas de outra forma. As alternativas encontradas foram logo no início da pandemia, em junho de 2020, iniciar com as aulas remotas, montando um cronograma de atividade, em que pais ou responsáveis iam até a escola buscar essas atividades e devolver na data estabelecida pelo professor para a correção. Todas as informações repassadas a eles eram através de grupos de *WhatsApp*. Com isso, surge outro grande problema, quem auxiliaria esses alunos que não têm internet e muitas vezes nem aparelhos tecnológicos? Sendo que muitos desses pais não tinham como ajudar os filhos nas realizações das atividades, tendo que recorrer a outras alternativas. Como relata uma aluna do 5º ano, estudante da zona rural.

Não tive aulas on-line, existe apenas grupo de WhatsApp para tirar possíveis dúvidas e está sendo muito difícil, pois minha mãe tem pouca escolaridade, não enxerga direito e não tinha como me ajudar, tendo que recorrer a minha tia, e como não tinha celular, no início, minha irmã que mora em São Luís era quem pegava todas as informações, pois ela que estava no grupo de WhatsApp e repassava todas as informações sobre a entrega e recebimento de atividade. (Entrevista com discente na sua residência dia 09/10/2021)

A mesma ressalta que o mais difícil foi não ter nem aulas *on-line*, como outros colegas da mesma escola. Percebe-se que mesmo tendo diversos aplicativos que auxiliaram nas aulas *on-line* durante a pandemia, alguns professores, por algum motivo deixaram de utilizá-los e ficaram apenas com os grupos de *WhatsApp*, para informações ou dúvidas, que muitas vezes, o aluno acabava não as sanando.

Entretanto percebe diferenças no planejamento e execução das atividades durante a pandemia, durante essa pesquisa percebi que numa mesma escola as atividades foram diferentes enquanto alguns professores preferiram dar aula *via google meet* outros optaram apenas em usar o aplicativo WhatsApp para tirar dúvidas o que acabou prejudicando alguns alunos, ainda mais sendo que os mesmos dificilmente tiravam dúvidas ou pela timidez ou por falta de internet. Segundo a aluna do 7º ano as aulas ocorriam em média uma meia hora, com participação no máximo 10 alunos de uma turma de 23 alunos que dificilmente participava o que acarretava numa aula sem interação (Entrevista com discente na sua residência 01/10/2021).

Os desafios são maiores em escolas que já possui IDEB²⁵ abaixo do desejável, que é o caso dessa escola da zona rural. Com IBEB 4,5 em 2019, a meta era de 4,9 e não conseguiram atingir, permanecendo em situação de alerta. Com a pandemia, muito

²⁵<https://qedu.org.br/cidade/5295-sao-bernardo/ideb/ideb-porscolas?dependece=3&grade=1&edition=2019>.

provavelmente, a probabilidade da situação se agrava ainda mais. Neste período, a cada 100 alunos dessa escola, 11 não foram aprovados. Desse modo, essa escola precisa melhorar e atingir a nota esperada, 6,0. Entretanto, fica mais difícil com as dificuldades de comunicação e interação reduzidas no período da pandemia. Em 2019, essa escola contava com 17 professores e 149 estudantes²⁶.

Neste processo de ensino emergencial, de certa forma, fica mais complicado esse processo de avaliação dos discentes, sendo que os mesmos não têm o controle de quem realmente está fazendo essas atividades. Em um relato, o professor Mário ressalta que o processo avaliativo é mais complicado, mas que ocorreu por meio do recebimento dos cadernos de atividade:

A principal forma de avaliação foi o recebimento do caderno de atividade que acontecia inicialmente de 15 em 15 dias, depois passou a ser um por mês, mas que não tem como fazer uma avaliação fiel. Também avaliamos as participações nas aulas on-line e também conta muito a frequência correta da entrega das atividades (Entrevistado feita com docente dia 13/10/2021, através do WhatsApp).

Esse processo de avaliação é muito complicado, as atividades têm que ser bem elaboradas, uma vez que o professor não tem controle sobre as atividades enviadas para realização em casa, o processo de ensino e avaliação é crucial para mensurar a aprendizagem do estudante, ficando fragmentado:

A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção (que obrigatoriamente conduz à exclusão). O diagnóstico tem por objetivo aquilatar coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfatoriedade daquilo que se esteja buscando ou construindo. (LUCKESI, 2002, p. 162- 163)

Nesta construção do conhecimento, o processo avaliativo recebe inúmeras críticas, principalmente com a aplicação de provas, mas que são necessárias. Segundo Luckesi: “A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente” (LUCKESI, 2002, p.34). De certa forma, durante a pandemia, esse recurso se tornou pouco viável e confiável, pois segundo Luckesi:

A prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Ela se constitui-se muito de provas/exames do que a avaliação. Provas/exames têm por finalidade, no caso da aprendizagem escolar, verificar o nível de desempenho do educando em determinado conteúdo(entendendo por conteúdo o conjunto de informações habilidades motoras, habilidades mentais, convicções, criatividade etc.) e classifica-los em termos de provação/ reprovação (para tanto, podemos utilizar-se de níveis variados, tais como: superior, médio-superior, médio, médio- inferior, inferior, sem rendimento; ou notas que variam de 0 a 10, ou coisa semelhante). (LUCKESI, 2002, p. 168- 169)

²⁶ : qedu.org.br. 20/ 12 /2021.

De certa forma, o processo de avaliação é pautado de acordo com o rendimento e acertos na avaliação, as chamadas (provas) o que deixa em desvantagem quem passa por dificuldades, reproduzindo desigualdades sociais. No entanto esse processo avaliativo se dar de maneira igualitária a todos os alunos, neste sentido acaba por ser um processo desigual sendo que nessas instituições escolares a uma diversidade de sujeitos.

5.2 Desafios na Educação na zona urbana em meio a pandemia

Assim como a escola da zona rural, a escola da zona urbana também passou por momentos dramáticos no início da pandemia, a Escola Municipal Maria do Rosário, onde apliquei essa pesquisa, pude verificar a forma como a mesma funcionava. Ao iniciar as aulas em junho de 2021, houve elaboração de um caderno de atividade e roteiro de estudos de 15 em 15 dias, em que os pais buscavam na escola. No entanto, segundo relatos, da secretária Milena²⁷ nem todos compareciam para buscar as atividades dos estudantes. Dessa forma, os responsáveis da escola teriam que ir até eles na entrega das atividades. Também houve a criação de grupos de WhatsApp em que a equipe de profissionais informava aos pais os dias da entrega e devolução das atividades para correção, e aulas on-line pelo Google Meet aplicadas por alguns professores.

Entretanto, apesar dessa escola estar situada na cidade as dificuldades não foram poucas como relata o professor José que trabalha na área da educação há 18 anos e atualmente leciona para o 5º ano. O mesmo relata que: “Sem dúvida que o desafio da sobrevivência e a precariedade de material, como a falta de celular, de internet, de espaço adequado para estudar em casa comprometeu o desenvolvimento do aluno”. (Entrevista com docente na sua residência 08/12/2021).

Para que essas aulas ocorressem dessa maneira, não houve nenhum planejamento e o único aparato disponibilizado pelo governo foi a impressora para imprimir as atividades, deixando os professores com poucas opções. Ao questionar ao professor se as dificuldades são as mesmas para a zona rural quanto urbana o mesmo respondeu que:

São semelhantes, porém, não são iguais uma vez que o desafio de estudar sem acompanhamento didático ostensivo do professor não atinge todos, pois na zona rural o acesso à internet é mais precário que na zona urbana, deixando uma vulnerabilidade maior nos alunos da zona rural (Entrevista com docente 08/11/2021, na sua residência).

²⁷ Nome fictício assim como todos os outros neste trabalho

Os desafios são diversos, mesmo em escolas localizadas na zona urbana que é o caso dessa ao qual colhemos dados. Em 2019 possui Ideb²⁸ de 5,2 atingindo e crescendo a meta que era 4,3. A situação dessa escola é melhor que a outra, mas ainda com Ideb²⁹ abaixo do esperado já que o esperado é 6,0 neste período de 2019. Além disso, nesse ano, a escola teve apenas uma reprovação e contava com 18 professores e 271 alunos.

Escolas com o Ideb abaixo já se encontram em desvantagens, e com a pandemia o rendimento dos alunos pode ter caído ainda mais, causando um grande desafio no retorno ao presencial. Pois o Ideb serve como principal ponto de monitoramento da educação no Brasil podendo avaliar o desempenho dos estudantes e das escolas, quanto maior é o desempenho dos estudantes maior será o Ideb da escola, podendo ser consultado online em que podemos ver a avaliação de cada escola. A prova para medir o Ideb das escolas chama se Saeb em que é aplicado assuntos de português e matemática em que varia a nota de 0 a 10 e é destinada a turmas de 5º ao 9º ano.

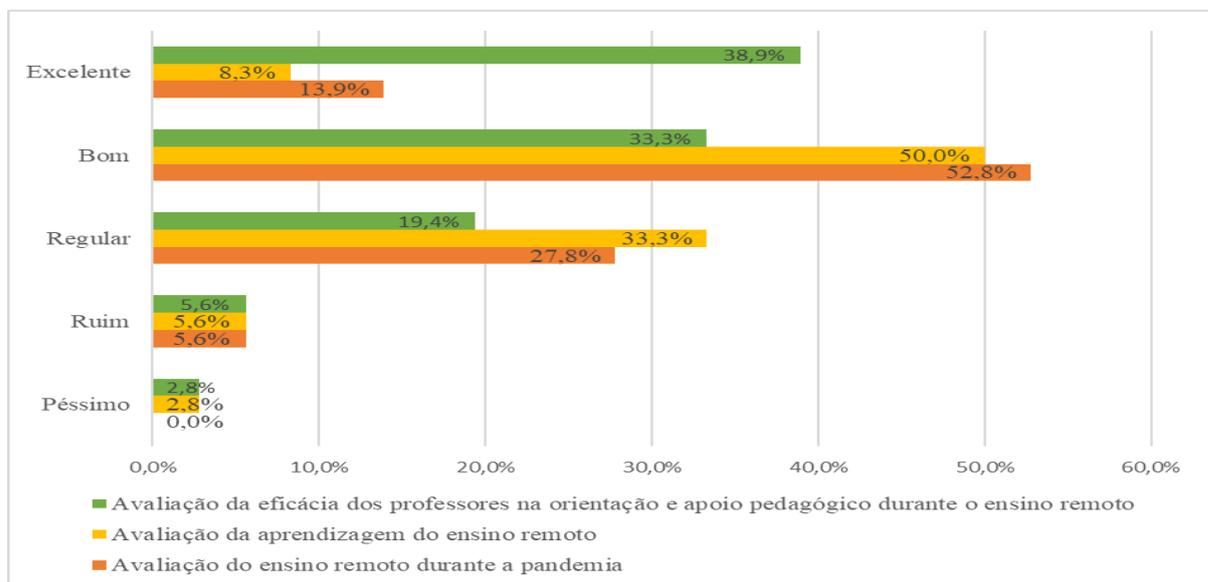
²⁸<https://qedu.org.br/cidade/5295-sao-bernardo/ideb/ideb-por-scolas?dependence=3&grade=1&edition=2019>
acessado em 12-10-2020

²⁹ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

6 ANALISES E RESULTADOS

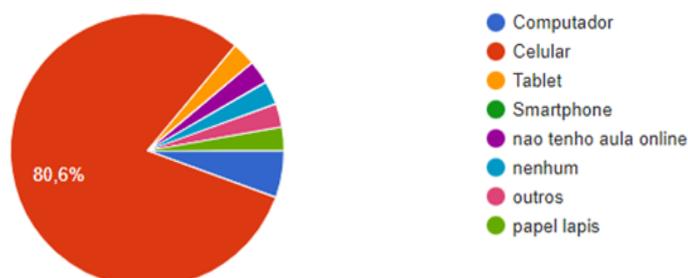
Os dados a seguir são resultados dos questionários enviados aos alunos e professores e coleta de dados pelo WhatsApp. Abaixo, apresento dados dessa pesquisa através de gráficos de acordo com a coleta de dados que foi realizada em duas escolas de São Bernardo-MA.

Gráfico 2: É referente a três perguntas direcionadas aos alunos, a primeira como eles avaliava a eficácia dos professores na orientação e apoio pedagógico durante o ensino remoto em que a maioria respondeu excelente, e a segunda é referente a aprendizagem do próprio aluno em que responderam bom, e a terceira consiste em como eles avaliavam o ensino remoto durante a pandemia, em que, de modo geral a maioria destacou como bom.



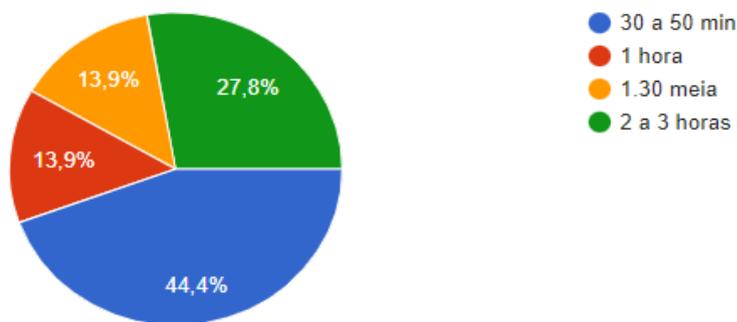
Os dispositivos que foram utilizados durante a pandemia foram diversos. Apesar de muitos alunos ainda não possuírem aparelhos celulares, utilizavam o dos pais ou algum parente próximo para obter informações ou conectar-se as aulas on-line. Vejamos o gráfico a seguir referente aos dispositivos utilizados durante as aulas online.

Gráfico 3: Dispositivos usados para assistir às aulas e realizar as atividades do ensino remoto



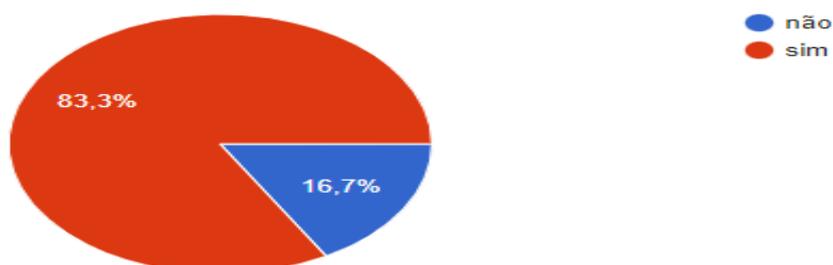
Apesar da variedade de dispositivos, o gráfico aponta que o aparelho mais utilizado foi o celular. Apesar disso, uma pequena parcela de estudantes afirmou não possuir nenhum aparelho ou não ter tido aula on-line, dado preocupante. O tempo de duração das aulas on-line eram os mais variados de acordo com o aplicativo que o professor estava utilizando e com a disponibilidade da internet, mas na maioria das vezes era de 30 a 50 minutos, até porque é difícil obter a atenção dos alunos em aulas no formato virtual durante muito tempo.

Gráfico 4: Tempo de aula on-line



Ao serem questionados se a escola fornecia recursos necessários para o aprendizado em casa, ou seja, para as aulas remotas, a maioria dos alunos, como mostra o gráfico a seguir, responderam que sim, causando uma divergência nas respostas dos professores que responderam que não obtiveram ajuda alguma a respeito de recursos para esse modelo de ensino no período da pandemia. Como apontado anteriormente no texto, segundo os docentes, eles tiveram que se reinventar com seus próprios recursos, entretanto, ao ser perguntado aos alunos se a escola fornecia recursos necessários para o aprendizado em casa veio a surpresa, pois a maioria respondeu que sim como mostra o gráfico 5.

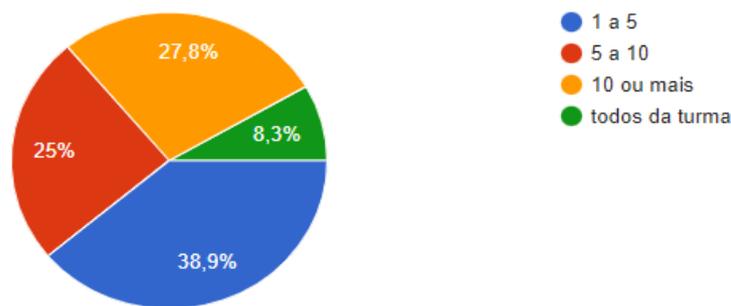
Gráfico 5: A escola fornece os recursos necessários para o aprendizado em casa



No entanto, um dos maiores problemas dos professores foi justamente conseguir obter a atenção dos alunos e conseguir um número expressivo deles em aulas *on-line*, por conta também da internet que era de má qualidade ou até mesmo inexistente. O que mais prejudicou os mesmos neste período de aulas *on-line* foi a questão da queda e instabilidade da internet.

Durante essa pesquisa, pude assistir algumas aulas *on-line* referente a pesquisa e constatar que o número de alunos era muito baixo em decorrência da falta de conectividade, ou de uma internet de má qualidade. Por isso, na maioria das vezes o número de estudantes ficava abaixo do esperado, como mostra o gráfico. Na maioria das vezes, a quantidade era de 1 a 5 alunos, segundo os próprios estudantes.

Gráfico 5: Alunos presentes em média nas aulas on-line



Perguntamos aos professores qual maior desafio encontrado na sua profissão diante do cenário da pandemia em que estavam vivenciando? Segundo a professora Rosa formada em letras, está na área da educação a 15 anos ressaltou que: um dos legados que a pandemia deixara para a educação é o aumento da desigualdade nos níveis de aprendizado entre os alunos, já que alguns não se adaptaram ao ensino a distância e outros nem sequer tem acesso à internet (Resposta obtida através da coleta de dados pelos questionários dia 20 /12 /2021).

Pois a falta de internet era fator relevante no modelo de ensino adotado no período da pandemia ocasionando a ausência de muitos alunos durante as aulas online, segundo a professora Rosa ainda mais nas zonas rurais a educação no meio rural ainda tem muito a desenvolver principalmente nesse período de pandemia, as escolas do campo normalmente são compostas de apenas de sala de aula sem internet e sem estrutura (Resposta obtida através dos questionários dia 20 /12 /2021).

Esta sessão é extremamente relevante para situar o leitor na análise de alguns resultados mostrando alguns elementos da coleta de dados, através dos questionários resultando em gráficos para uma melhor compreensão. Apesar desse trabalho ter sido realizado em duas escolas com contextos diferentes, perante a percepção dos professores as escolas passam por estruturas semelhantes o que muda é o contexto de vida dos estudantes em que a maioria dos contribuintes dessa pesquisa residem na zona rural de São Bernardo, onde o acesso à internet é o ponto de diferença principal entre eles e o acesso a determinados capitais culturais fica mais restrito por efeito das localidades campestres que eles residem, pois dificulta o acesso a outras cidades e conseqüentemente a outros conhecimentos culturais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa possibilitou compreender e realizar os vários passos de uma pesquisa, começando pela programação, ou seja, pela realização do projeto que é o ponto inicial da pesquisa, e em seguida por meio de leitura bibliográfica referente ao tema proposto, e pesquisa de campo feita seguindo um modelo de questionário para alunos e professores, e conversas pelo *WhatsApp* com professores. Nesta pesquisa os desafios foram diversos desde a disponibilização das escolas ao qual fiz a pesquisa até a coleta dos dados. Entretanto foi de suma importância para compreendermos como estava a estrutura do sistema educacional no período da pandemia.

Neste sentido essa pesquisa me propulsionou um novo olhar neste processo de pesquisa e aprendizado, enquanto temos que manter distanciamento para que nossa opinião de senso comum não influencie, fica impossível não nos envolver diretamente ou indiretamente, até mesmo porque ao escolhermos o tema de uma pesquisa ele parte de determinado interesse, sendo assim, há um envolvimento da pesquisadora com o tema proposto, mas que precisa manter o distanciamento como pesquisador sem colocar nossas próprias opiniões, isto é, utilizando a criticidade.

Apesar de algumas dificuldades no decorrer dessa pesquisa, ainda mais por se tratar de uma pesquisa que iniciou no período mais crítico da pandemia, onde professores estavam se adaptando ainda ao novo modelo de ensino, algumas dificuldades foram apresentadas, como o retorno dos questionários, mas que acabou dando tudo certo e podemos ter a dimensão do ensino neste período de pandemia. Com base nessa pesquisa podemos nos inteirar mais do que realmente estava acontecendo no sistema educacional, sendo perceptível a importância que o professor tem na sociedade, pois possui papel e caráter de formador de indivíduos críticos e intelectuais, mas que é preciso um olhar mais atento as diferenças entre seus alunos para que todos possam ter de fato uma educação igualitária e justa. Neste sentido também precisa de melhorias nas políticas públicas para que se tenha uma melhor qualidade de estruturas e aparatos nas escolas.

Neste período da pesquisa pode se constatar as dificuldades dos professores em manusear os aparelhos tecnológicos e no processo de avaliação, já os alunos a dificuldade maior foi o acesso a uma internet de qualidade e o acesso a aparelhos tecnológicos mesmo com todas as dificuldades as aulas em formato remoto foram a melhor opção do momento. Neste sentido de acordo com os docentes a principal diferença entre escola da zona rural e

zona urbana foi o acesso à internet que em áreas rurais era mais difícil e muitas vezes até inexistente, o que acabou afetando o desempenho dos estudantes.

Portanto, apesar das desigualdades existentes, a educação é o meio legítimo para a transformação da vida social do indivíduo, pois vai além de um simples conhecimento, a educação é um fenômeno primordial para a formação como cidadão crítico, pois permite o indivíduo crescer e ascender profissionalmente e intelectualmente, contribuindo na transformação de uma sociedade mais justa e igualitária de fato, apesar dos contextos que vivenciamos de desigualdade social devemos a cada dia lutar por uma educação justa e de qualidade a todos e todas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**, 16. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, ano 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalinas**, 2001. Idem

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda., ano 2014

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas** / Pierre Bourdieu; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. - São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL 61. **Pesquisa do IBGE** revela que 4,1 milhões de estudantes da rede pública não tem acesso à internet. 2021. <https://brasilpaisdigital.com.br/pesquisa-do-ibge-revela-que-41-milhoes-de-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-acesso-a-internet/#:~:text=pa%C3%ADs%20digital%20%2D%20%23BrasilPaisDigital>. Acesso em: 01/11/2021

CASTELLS Manuel. **A Sociedade em Rede**. Vol. 1- 8ª ed, Paz e Terra 1999.

COLASANTE, Tatiana; PEREIRA, Amanda Gomes. **Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19** no Brasil. Revista M. – issn 2525-3050 Rio de janeiro, v. 6, n. 11, p. 198-213, jan./jun.2021. COLASANTE, Tatiana; PEREIRA, Amanda Gomes. **Gestão da vida e da morte no contexto da COVID 19** no Brasil. Revista M. – issn 2525-3050 Rio de janeiro, v. 6, n. 11, p. 198-213, jan. /Jun.2021.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CHAGAS, Elisa. Data Senado: **Quase 20 Milhões De Alunos Deixaram De Ter Aulas Durante Pandemia**. 2020. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em: 10/10/ 21

DESCHAMPS, Eduardo; CASTRO H. Maria, **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. 2020 http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05/05/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ Pérez, Ángel. **Educação na era Digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso: 2014.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-bernardo/panorama>. Acessado em 06/12/2021

<https://www.corona.ma.gov.br/atos-normativos>. Acessado em 01/12/2021

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições** - 12. ed. - São Paulo: Cortez, 2002.

PATTO, M. H.S. (org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. 3 ed. rev. atual, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; MORAES, Raquel de Almeida; TERUYA, Teresa Kazuko. (Orgs) **Educação a distância reflexões críticas e práticas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

UNICEF, **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil**. Ano 2021.

<https://qedu.org.br/cidade/5295-sao-bernardo/ideb/ideb-por-scolas?dependence=3&grade=1&edition=2019> acessado em 20/ 12 /2021.

WEINTRAUB, Abraham. **DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO**, PORTARIA Nº 544, DE 16 DE –junho de 2020. 2020. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junhode-2020-261924872>. Acesso em: 05/05/2021.

<https://sbim.org.br/covid-19/73-perguntas-e-respostas-sobre-as-vacinas/o-virus-sars-cov-2-e-a-covid-19> acesso em 20/05/2021

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA
PESQUISA DE CAMPO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) foi convidada (a) a participar da pesquisa intitulada “**Desigualdade social e educação em tempos de pandemia**”, possuindo como responsável: **Francisca Maria Ramos Silva**, orientada pela professora Dra. Amanda Gomes Pereira. O objetivo da pesquisa é analisar os desafios encontrados na educação básica, por estudantes moradores da zona rural em comparação com os alunos residentes da zona urbana, levando em consideração a formação e experiência de professores que lecionam no município, seus desafios e estratégias metodológicas e, desse modo, se dedicam a formação cidadã dos alunos e alunas – seguindo os pressupostos fundamentais elencados por diversos autores clássicos.

A pesquisa será feita através de questionários e relatos de, Professores, e Alunos de duas escolas da rede pública uma da rede urbana, outra da zona rural, seguindo todos os protocolos sanitários devido ao atual momento de pandemia, com seu consentimento, mas seus dados e nomes como idade e cidade não estarão presentes na pesquisa, tornado público após a defesa e inserção do Trabalho de Conclusão de Curso no banco de dados da instituição (UFMA) apenas nomes fictícios, seguindo o Código de Ética estabelecido pela Associação Brasileira de Antropologia. Os fins da pesquisa são unicamente o conhecimento das realidades e dinâmicas locais. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder alguns questionamentos levantados pela pesquisadora através de um questionário semiestruturada.

Sr. (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. Desde já agradecemos!

Francisca Maria Ramos Silva

Francisca Maria Ramos silva

São Bernardo/MA, ____ de _____ de 20__.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa:

(Assinatura)

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA VOLTADO A PROFESSORES

ESCOLA MUNICIPAL -----

Pesquisa direcionada para professores/as

1) Gênero: () masculino () feminino

2) Idade: até 20 anos

() 21 a 25 anos

() 26 a 30 anos

() 31 a 35 anos

() 35 a 40 anos

() 40 a 45 anos

() 45 a 50 anos

() Acima de 50 anos

3) Raça/etnia: () brancos () pretos () pardos () amarelo () indígena

4) Na sua opinião, qual o papel da escola?

5) Sabemos que cada estudante leva consigo para escola uma certa bagagem, diante desse fato, você acha que a bagagem do aluno/a contribui para o melhor rendimento?

6) Você acha que estudantes com maiores dificuldades socioeconômicas tem mais dificuldades de ensino e aprendizagem?

7) As aulas presenciais foram interrompidas dia 17 de março de 2020 em São Bernardo, quando ocorreu o retorno as aulas em um novo modelo, como foi planejado das aulas?

8) O Governo Federal e Municipal disponibilizaram aparatos para auxiliarem as aulas no modelo remoto? Quais?

9) De acordo com a porcentagem de alunos da sua turma, diante dos que apresentam dificuldades financeiras, como avalia o rendimento desses alunos?

10) Como enfrentar as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos/as durante a pandemia?

11) As dificuldades encontradas são as mesmas para todos os alunos, tanto da zona rural como da urbana?

12) Quais as formas e os aplicativos que estão sendo utilizados durante as aulas?

13) Qual quantidade de alunos/as participando das aulas nesse período?

14) Como são feitas as avaliações para os alunos? De maneira geral, como avalia a aprendizagem do conteúdo?

15) Diante do cenário pandêmico, você percebe que as dificuldades dos alunos/as da zona rural são maiores que as dificuldades dos alunos/as da zona urbana?

16) Qual maior desafio encontrado na sua profissão diante do cenário em que vivemos?

17) Quais as dificuldades que enfrentou para a adaptação ao ensino remoto?

18) Na sua percepção, foi possível reconhecer entre os estudantes algum tipo de transtorno emocional?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA
PESQUISA DE CAMPO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) foi convidada (a) a participar da pesquisa intitulada “**Desigualdade social e educação em tempos de pandemia**”, possuindo como responsável: **Francisca Maria Ramos Silva**, orientada pela professora Dra. Amanda Gomes Pereira. O objetivo da pesquisa é analisar os desafios encontrados na educação básica, por estudantes moradores da zona rural em comparação com os alunos residentes da zona urbana, levando em consideração a formação e experiência de professores que lecionam no município, seus desafios e estratégias metodológicas e, desse modo, se dedicam a formação cidadã dos alunos e alunas – seguindo os pressupostos fundamentais elencados por diversos autores clássicos.

A pesquisa será feita através de questionários, e relatos de professores e alunos de duas escolas da rede pública uma da rede urbana, outra da zona rural, seguindo todos os protocolos sanitários devido ao atual momento de pandemia, com seu consentimento, mas seus dados e nomes como idade e cidade não estarão presentes na pesquisa, tornado público após a defesa e inserção do Trabalho de Conclusão de Curso no banco de dados da instituição (UFMA) apenas nomes fictícios, seguindo o Código de Ética estabelecido pela Associação Brasileira de Antropologia. Os fins da pesquisa são unicamente o conhecimento das realidades e dinâmicas locais. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder alguns questionamentos levantados pela pesquisadora através de um questionário semiestruturada.

Sr. (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. Desde já agradecemos!

Francisca Maria Ramos Silva

Francisca Maria Ramos silva

São Bernardo/MA, ____ de _____ de 20__.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa:

(Assinatura)

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA VOLTADA ESTUDANTES

ESCOLA MUNICIPAL-----

Pesquisa direcionada a estudantes

Gênero: -----

Idade: -----

Raça/Classe: -----

Como avalia o ensino remoto durante a pandemia?

- Péssimo
- Ruim
- Regular
- Bom
- Excelente

Atualmente, que dispositivo você usa para assistir as aulas e a realizar as atividades do ensino remoto?

- Computador
- Celular
- Tablet
- Smartphone
- Outros _____

Quanto tempo demora sua aula on-line?

- 30 a 50 min
- 1 hora
- 1.30 meia
- 2 a 3 horas

Como você avalia sua aprendizagem o ensino remoto?

- Péssimo
- Ruim
- Regular
- Bom
- Excelente

A escola fornece os recursos necessários para o aprendizado em casa?

- não
- sim

Como você avalia a eficácia dos seus professores na orientação e apoio pedagógico durante o ensino remoto?

- Péssimo
- Ruim
- Regular
- Bom
- Excelente

Quantos alunos estão presentes em média nas aulas on-line?

- 1 a 5
- 5 a 10
- 10 ou mais
- todos da turma

Quais os aplicativos você utiliza para ter o acesso as aulas?

- WhatsApp
- Google Meet
- Instagram
- zoom

O ensino remoto tem sido estressante?

Qual a maior dificuldade que encontrou durante o ensino remoto na pandemia?

Descreva como está sendo o processo de ensino e aprendizagem nesse período de pandemia?

Você mora em qual localidade?

Zona rural

Zona urbana